

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO

Gabriela Hessmann

**TRADUÇÃO JORNALÍSTICA: ALUSÕES NA TRADUÇÃO  
COMO FATOR CULTURAL NO TEXTO TELEJORNALÍSTICO**

Florianópolis  
2013



Gabriela Hessmann

**TRADUÇÃO JORNALÍSTICA: ALUSÕES NA TRADUÇÃO  
COMO FATOR CULTURAL NO TEXTO TELEJORNALÍSTICO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Meta Elisabeth Zipser

Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo Lima

Florianópolis  
2013



Gabriela Hessmann

**Tradução Jornalística: Alusões Na Tradução Como Fator Cultural  
No Texto Telejornalístico**

Essa dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora e pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de maio de 2013

---

Profª Drª. Andréia Guerini  
Coordenadora do curso

Banca Examinadora

---

Profª. Drª. Meta Elisabeth Zipser (Orientadora)  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Prof. Dr. Ronaldo Lima (Coorientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Profª. Drª. Silvana Ayub Polchlopek  
Universidade Federal Tecnológica do Paraná

---

Profª. Drª. Maria José Damiani Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Profª. Drª. Carolina Souza Ferraz D'Ely  
Universidade Federal de Santa Catarina.



*Aos meus pais João Bartolomeu Hessmann e  
Maria Goreti Hessmann pelo amor e apoio  
incondicional.*



## AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais: João Bartolomeu Hessmann e Maria Goreti Back Hessmann. A ti, meu pai, muito obrigada pelos teus sábios ensinamentos de vida. À minha mãe, pelo amor incondicional. Amo vocês!

À minha irmã Caroline Hessmann Schuler, pela parceria de uma vida.

À minha querida Solene, por todos os conselhos, paciência e, acima de tudo, por todo o teu amor.

À minha afilhada e sobrinha, Luísa Hessmann Schuler, que desde o seu nascimento tornou minha vida mais alegre.

Ao meu Amor, William Baía Jr, meu príncipe William, de Bom Despacho. Muito obrigada por todo o teu amor e incentivo.

Ao meu querido e fiel amigo Hutan do Céu Almeida, que esteve ao meu lado durante os momentos mais críticos da confecção desta dissertação. Muito obrigada também pelas muitas risadas e por toda a tua ajuda durante esse percurso.

Às queridas e insubstituíveis amigas: minha prima Rafa, Sara e Pati. A vocês o meu muito obrigado pelas tantas risadas e pelos momentos de alegria que me fizeram tão bem ao longo dessa jornada.

À minha querida orientadora, Professora Meta Zipser. Muito obrigada pela confiança, oportunidade e sábios ensinamentos.

Ao meu querido “Profi”, professor, coorientador, Ronaldo Lima. Muito obrigada por toda a sua generosidade, atenção e amizade. Sem a sua ajuda nada disso seria possível.

Aos professores, colegas e servidores do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela gentileza, simpatia e todo o apoio.

À Universidade Federal de Santa Catarina.



*“A mente que se abre a uma nova ideia  
jamais voltará ao seu tamanho original.”*

Albert Einstein



## RESUMO

A presente investigação visa discutir marcas culturais em dois textos telejornalísticos, referentes a um mesmo fato-notícia, divulgados para públicos de países diferentes: França e Brasil. Como recurso delimitador, selecionou-se o fenômeno da alusão. Traduzidas a partir de óticas distintas, as duas reportagens desenvolvem-se a partir de uma única referência. Trata-se do casamento real inglês ocorrido em 29 de abril de 2011. O respaldo teórico para as análises centra-se sobre os postulados de Nord (1991). As considerações relacionadas ao texto jornalístico baseiam-se nas premissas de Esser (1998). Finalmente, em relação ao fenômeno da alusão utilizam-se os apontamentos de Niknasab (2011) e Leppihalme (1996). Os referidos autores orientam os olhares para questões de ordem cultural que vão ao encontro dos objetivos estabelecidos para o presente estudo. O corpus é composto das transcrições de dois textos orais televisivos, a saber: (i) o primeiro transmitido no Brasil pela Rede Globo de Televisão; (ii) o segundo, veiculado na França pela Rede TF1 (Télévision Française 1). O objetivo da pesquisa consiste em investigar se as alusões destacadas para estudo constituiriam recursos discursivos elaborados e dirigidos a determinado público-alvo, em razão de configurações projetadas que conduziriam a modelos de representação cultural específicos previamente estabelecidos, tal como observa Zipser (2002).

Palavras-chave: Tradução; Jornalismo; Alusão; Funcionalismo e Cultura.



## RÉSUMÉ

Cette recherche propose une discussion sur les traits culturels présents à l'intérieur de deux textes diffusés par des téléjournaux à propos d'un même événement et divulgués à deux publics différents, la France et le Brésil. Pour délimiter le sujet, nous avons choisi le phénomène de l'allusion. Traduits à partir de deux optiques distinctes, les deux reportages ont été développés à partir d'un même point de départ : le mariage royal britannique qui a eu lieu le 29 avril 2011. Les théories utilisées pour les analyses reposent sur les écrits de Nord (1991). Les considérations liées au texte journalistique sont centrées sur les affirmations d'Esser (1998). Finalement, en ce qui concerne le phénomène de l'allusion, nous avons décidé d'utiliser les propositions de Niknasab (2011) et Leppihalme (1996). Les questions d'ordre culturel suggérées par ces auteurs permettent d'atteindre les objectifs fixés dans cette étude. Le corpus comprend des transcriptions de textes oraux de deux chaînes de télévision : (i) Globo Télévision, au Brésil, (ii) TF1 (Télévision française 1) en France. L'objectif de cette étude est de vérifier si les allusions mises en évidence constituent des ressources discursives produites et dirigées vers un public cible, en raison des paramètres qui conduiraient à des modèles spécifiques de représentation culturelle déjà établis, conforme aux écrits de Zipser (2002).

Mots-clés : Traduction, Journalisme, Allusion et Culture



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fatores de Influência no Jornalismo: <b>Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER - 1998)</b> .....	49
Figura 2: Logomarca rede globo de televisão e télévision française 1..	60



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações técnicas sobre as reportagens do <i>corpus</i> .....	60
Quadro 2: Exemplo 1 .....	65
Quadro 3: Exemplo 2 .....	69
Quadro 4: exemplo 3.....	71
Quadro 5: exemplo 1 – francês.....	74
Quadro 6: Exemplo 2 – francês.....	77
Quadro 7: Exemplo 1 – alusão compartilhada .....	80
Quadro 8: Exemplo 2 – alusão compartilhada .....	80



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1 OBJETIVO DA PESQUISA .....	27
1.1.1 Objetivos específicos.....	27
<b>1.1.2 Perguntas de pesquisa:.....</b>	<b>28</b>
<b>1.1.3 Organização da dissertação.....</b>	<b>28</b>
<b>2 CAPÍTULO I – SUPORTES TEÓRICOS .....</b>	<b>29</b>
2.1 REFLEXÕES SOBRE O FUNCIONALISMO.....	29
2.2 REFLEXÕES SOBRE O FAZER JORNALÍSTICO.....	36
2.3 REFLEXÕES SOBRE O TELEJORNALISMO.....	41
2.4 O PONTO DE VISTA DE FRANK ESSER.....	45
2.5 O RECURSO ALUSIVO .....	51
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>57</b>
3.1 ETAPAS DA EXECUÇÃO DA PESQUISA.....	61
<b>4 DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>63</b>
4.1 EXEMPLOS E ANÁLISES NA REPORTAGEM BRASILEIRA. 65	
4.2. EXEMPLOS E ANÁLISES NA REPORTAGEM FRANCESA... 74	
4.3 EXEMPLOS E ANÁLISE – ALUSÃO COMPARTILHADA NAS DUAS CULTURAS .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>97</b>
Anexo A - Texto Casamento real – Rede Globo.....	99
Anexo B - Texto Le Mariage Royal – TF1 .....	101
Anexo C- Texto legenda vídeo francês .....	103



## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 40 anos, as bases método-epistemológicas referentes à disciplina de Estudos da Interpretação e da Tradução vêm se consolidando e garantindo espaço no escopo mais amplo dos Estudos da Linguagem e da Comunicação. A multidisciplinaridade da área incitou parcerias incontornáveis, tal como a recente interface entre tradução, jornalismo e estudos culturais, introduzida principalmente por Zipser (2002) e sua equipe, cujos trabalhos instauraram novos horizontes para pesquisas que sublinharam a imbricação entre as três referidas áreas. Os estudos em teoria e crítica da tradução do gênero jornalístico realizados à aura dos estudos culturais constituem tema novo que, progressivamente, vem adquirindo importantes proporções, sobretudo em função da variedade de trabalhos recentemente lançados pelo TRAC<sup>1</sup>. Enquanto campo de estudo, a Tradução do Texto Jornalístico conta atualmente com suportes teóricos que respondem, ao mesmo tempo, às necessidades do polo tradutológico e à parcela interessada no campo jornalístico, permitindo cobrir uma miscelânea de temas afins. Aliás, a pluralidade de temas constitui uma das características intrínsecas da área jornalística que foram assumidas pelos pesquisadores do TRAC. Logo, a partir do instante em que determinado tema adquire amplas proporções, acredita-se ser pertinente investigá-lo. Logo, afastaram-se ressalvas ideológicas ou juízos de valor, abrindo possibilidades para abordar uma questão que mobilizou milhões de telespectadores: um casamento na realeza inglesa (William e Catherine Middleton).

Muito embora Bucci (2000) afirme que cabe ao jornalista o ofício de perseguir a verdade dos fatos e transmiti-la da forma mais neutra possível ao público receptor, faz-se importante destacar que o conceito de neutralidade será sempre passível de questionamentos, sobretudo à luz das ciências modernas. Tal premissa se acentua em relação aos estudos da tradução e da interpretação. *Isenção, objetividade e verdade* constituem noções situadas na base do fazer jornalístico, e devem ser modalizadas, uma vez que envolvem apreciações e representações relativas e flutuantes. Aceitando-se então a elasticidade semântica dos referidos conceitos – destacados em itálico acima – propõe-se analisar,

---

<sup>1</sup> TRAC – Grupo de estudos de tradução e cultura. Nos últimos cinco anos a equipe desenvolveu mais de uma dezena de dissertações e teses, tendo também lançado no meio acadêmico uma série de trabalhos, dos quais uma parte poderá ser verificada nas referências bibliográficas da presente investigação.

nesta investigação, o espaço de diálogo que se estabelece entre o fato-referência e aquilo que se noticia sobre ele. Parece coerente deduzir e aceitar a existência de filtros situados entre as cenas dos eventos em sua essência material e aquilo que se escreve sobre eles enquanto ficções, isto é: pontos de vista.

O texto jornalístico, elaborado para mídias impressas, radiotelevisivas, ou mídias *on-line*, apresenta vasta gama de elementos que remetem tanto ao contexto cultural no qual a reportagem será veiculada, quanto a fatores políticos que evocam questões éticas; a natureza dos veículos de comunicação; bem como a própria demanda social que exerce preponderantes influências sobre os produtos que exige para si. Sem deixar de mencionar o papel do próprio profissional da comunicação que, quase sempre, precisa imprimir marcas pessoais nos trabalhos de reportagem que realiza.

Admite-se, neste estudo, que as reportagens erguem-se sobre os seguintes pilares de base:

- (i) o veículo de comunicação em suas circunscrições e restrições de ordem política (questões éticas, ideológicas, financeiras);
- (ii) as idiossincrasias do próprio profissional de jornalismo, seus compromissos profissionais e particularidades de seu entorno cultural;
- (iii) o estilo político da empresa de comunicação;
- (iv) o público receptor, cujas características definem parte dos parâmetros presentes na tessitura das reportagens, pautadas, como aqui se vislumbra, na sociedade: em sua cultura e em suas maneiras de expressão.

Esser (1998 apud ZIPSER, 2002) propõe uma organização dos elementos que compõem o fazer jornalístico, abrangendo desde a observação e a interpretação do fato até a confecção da reportagem, passando pelos conceitos éticos e políticos de cada veículo e, ainda, pelas idiossincrasias do próprio jornalista, que deixa marcas no seu trabalho, orientado também em função dos traços culturais imaginados em relação a seu público receptor.

Dessa forma, acompanhando os postulados de Esser (1998), observa-se que esse autor estabelece relações de influências entre os fatores intratextuais e extratextuais na confecção do texto, ou seja, projeta um universo de fatores que apontam para um jornalismo culturalmente alicerçado.

A proposta desta pesquisa parece responder com propriedade aos recentes estudos na área da tradução com ênfase no texto jornalístico.

Acredita-se que a representação cultural, conforme observa Zipser (2002), subjacente ao texto elaborado para o telejornalismo, provavelmente o singulariza de acordo com os públicos consumidores aos quais se destina. Sob essa ótica, o modelo funcionalista para a análise do texto, com vistas ao estudo da tradução, tem como princípio *a tradução enquanto ação*, isto é, o tradutor exerce seu papel de mediador interativo no processo comunicativo, voltando sua atenção para as perspectivas socioculturais situadas no entorno do texto. Trata-se de um modelo que sugere que, neste escopo, além de multilíngue, o tradutor precisa ser multicultural, no sentido de ser capaz de lidar com a modulação de fenômenos expressos de forma abstrata (adaptação de expressões abstratas, por exemplo, em um casamento, não falar de separação), mas que, no entanto, exercem enormes influências tanto no processo de elaboração quanto na recepção da notícia.

O jornalismo atual, seja ele escrito ou televisivo, constitui um dos principais exercícios profissionais responsáveis pela divulgação das informações. Como prolongamento, as atividades de tradução exercem papel indispensável e preponderante nesse processo. O material jornalístico traduzido permite transpor – ou expor – eventuais barreiras impostas pelas línguas e pelas culturas. Como resultado concreto dispõe-se diariamente de milhares de acontecimentos apresentados ao público, sendo grande parte deles traduzidos. Públicos-alvo prospectivos são, todavia, considerados em razão justamente das escolhas maiores que recaem sobre a matéria a ser publicada, definindo parte do trabalho do jornalista-tradutor. Dessa forma, os relatos textuais decorrentes da interpretação e divulgação de fatos são traduzidos cotidianamente sem que os processos implícitos e inerentes de adequação às políticas, às culturas e às línguas sejam, por vezes percebidas.

Segundo as premissas teóricas de Esser (1998), observa-se que o jornalismo é um campo de atuação altamente dinâmico. A gênese do texto jornalístico obedece a restrições políticas, cujos critérios permanecem subjacentes e intrínsecos à sua composição. Naturalmente, o espectador pode não estar sempre avisado ou consciente das restrições que permeiam a gênese do texto, tampouco ciente dos processos de recriação e adaptação envolvidos quando da tradução de uma dada matéria para outras línguas.

Nesta pesquisa serão investigados e comentados componentes que normalmente se desvelam à luz de teorias que concedem olhares indispensáveis para fazê-lo, como é o caso do modelo funcionalista proposto por Christiane Nord (1991), assim como por teóricos da comunicação como Frank Esser (1998), que apontam para a

preponderância dos componentes culturais presentes na tessitura das matérias jornalísticas, permeadas por processos interpretativos e tradutórios. Como exemplo, pode-se citar a “simples” transposição linguística ou a mudança de código. Traduzir de uma língua para outra, ou de uma modalidade semiótica para outra (e.g. imagem/texto verbal), acentua o compromisso de articular elementos de interesse cultural.

De maneira geral, os veículos de comunicação assumem o compromisso de divulgar fatos e acontecimentos, bem como a missão de orientar seu leitor – ou seu telespectador – na formação de opinião. Assim, o texto jornalístico, examinado com base na ideia de representação cultural (ZIPSER, 2002), torna-se um objeto em que traços singulares, compartilhados por grupos específicos, são sublinhados de forma que se pode verificar o tipo de tratamento concedido a tais fatos e acontecimentos no momento de sua representação para este ou aquele público. No caso de um acontecimento de repercussões amplas, como o casamento real aqui focado, espera-se que suas propriedades intrínsecas sejam mantidas em razão, sobretudo, de suas fontes fundamentais, mas que sua exposição seja levemente manipulada de forma a tornar a recepção e a transmissão do evento algo de interesse plural. As implicações financeiras da mídia parecem exigir que o jornalista seja capaz de administrar dados-fontes e transportá-los não só linguisticamente ao alvo, mas também culturalmente.

Não se nega aqui, absolutamente, perspectivas como a de Berman (2007), que consideram a manutenção do caráter estrangeirizante do texto. Acredita-se tão somente que alguns emparelhamentos podem ser importantes à clarificação e saliência dos próprios elementos estrangeiros. Como se poderá constatar, um evento restrito ao espaço de um pequeno lugar de culto foi assistido por milhões de pessoas. Na reportagem veiculada no Brasil, o repórter comenta que o “sim” da noiva ecoou como “um grito de ‘gol’”. Tal metáfora parece servir de suporte não somente à ampliação de uma cena, mas, sobretudo, como multiplicador de um som que não se extinguiu naquele local, por ter sido transmitido e retransmitido, escutado e repetido. A conexão entre tradução e jornalismo, dessa forma, pode ser vista como processo que envolve *interpretação e reexpressão criativa*, considerando-se que os componentes culturais se fazem presentes e devem ser considerados tanto no polo de partida, quanto no polo de chegada. Entre um e outro ponto, realizam-se negociações à luz das configurações específicas a ambas as culturas. Um evento transmitido, por um lado, para franceses;

por outro lado, para brasileiros, não poderia deixar de apresentar singularidades.

A pluralidade de teorias – em tradução e jornalismo – bem como a inter- e pluridisciplinaridade inerentes às áreas envolvidas neste tipo de investigação exigem que se delimite o que será exatamente analisado. Neste estudo, inovador e comparativo, pretende-se destacar marcas culturais no texto notícia para o telejornalismo no par de línguas e culturas: francês/português, empregando como filtro delimitador o fenômeno da alusão.

## 1.1 OBJETIVO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como objetivo principal identificar e examinar alusões existentes em dois textos televisivos sobre o casamento real, veiculados, respectivamente, no Brasil e na França, destacando singularidades culturais – alusivas – realizadas em função do público brasileiro e do público francês;

### 1.1.1 Objetivos específicos

- 1) Discutir componentes culturais na exposição do fato a partir de alusões presentes no texto jornalístico para a representação do evento, isto é, o casamento real, considerando o par de línguas português/francês.
- 2) Investigar eventuais mudanças de enfoque a partir do *corpus* composto das duas reportagens referindo-se ao mesmo acontecimento em dois polos culturais diferentes, a saber: Brasil e França.
- 3) Oferecer apreciações sobre os diálogos estabelecidos entre os dois campos: Estudos Tradução e Jornalismo, dando destaque ao fenômeno da alusão no texto telejornalístico.

Para percorrer e responder aos objetivos acima apresentados, será analisado o evento mencionado anteriormente, que teve, em certa medida, repercussão em âmbito global: *o casamento na corte inglesa* (William e Catherine Middleton) O mesmo acontecimento foi veiculado em telejornal brasileiro (Jornal Nacional) e francês (Journal de 20 heures).

### **1.1.2 Perguntas de pesquisa:**

A tradução do fato/reportagem sobre o casamento real foi representada da mesma maneira no dois países, a saber – França e Brasil?

Existiu mudança de enfoque na construção da reportagem? Se sim, por qual motivo aconteceu?

As alusões explicitam que o jornalismo é culturalmente constituído?

### **1.1.3 Organização da dissertação**

O capítulo I abarca as teorias utilizadas como alicerce para as discussões. Define-se como cerne para os estudos da tradução o Modelo Funcionalista de Nord (1991) e para o tratamento teórico do texto jornalístico, Esser (1998). Finalmente, os trabalhos de Niknasab (2011) e Leppihalme (1996) dão o suporte para lidar com o fenômeno da alusão.

No capítulo II apresenta-se a metodologia empregada, destacando os principais procedimentos adotados para as análises;

No capítulo III apresenta-se as análises propriamente ditas, desenvolvidas a partir do exame de excertos selecionados no *corpus* em razão de suas saliências;

Como fechamento, apresentam-se as considerações finais versando sobre a discussão do tema proposto a partir de novos olhares. Pretende-se verificar se as perguntas lançadas foram respondidas. E, naturalmente, busca-se, igualmente, abrir leques para futuras pesquisas a partir das reflexões realizadas.

## 2 CAPÍTULO I – SUPORTES TEÓRICOS

### 2.1 REFLEXÕES SOBRE O FUNCIONALISMO

Parece importante abrir esta sessão, dedicada ao funcionalismo de Nord (1991), com uma citação de Barthes na qual o autor sublinha a polifonia inerente ao discurso. De fato, o texto faz jus à composição etimológica da própria palavra “texto”. A tessitura que define sua formação é inerentemente plural:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2004, p. 68).

A teoria funcionalista de Nord (1991) foi selecionada como suporte teórico central para o desenvolvimento da presente pesquisa. Os postulados teóricos da autora respondem às necessidades que emergem da interface entre os estudos da tradução e a investigação sobre o texto jornalístico e telejornalístico. O enfoque concedido ao estudo do texto de natureza funcionalista permite sublinhar aspectos que envolvem cultura e sociedade, ou seja, contempla o texto em uso efetivo, manifestado em sua função principal, que é justamente a de comunicar.

Nord (1991) desenvolve igualmente estudos na área de didática e metodologia da tradução. A obra *Text Analysis in Translation* (1991) contempla parte importante dos pressupostos necessários à realização do presente trabalho, uma vez que tem como princípio a *tradução enquanto ação*.

A interação comunicativa é tomada em sua perspectiva sociocultural, na qual o tradutor é considerado não somente multilíngue, mas também uma figura multicultural, um intermediador de diálogos entre línguas e culturas. O funcionalismo proposto por Nord (1991) oferece uma perspectiva diferenciada para as investigações na área da tradução, tornando a abordagem do texto flexível, aberta e pertinente sobretudo à análise de diálogos interculturais entre o texto fonte e o texto traduzido da área do jornalismo. As marcas culturais que permeiam os sentidos dos textos estão presentes em todos os patamares

do discurso, tanto em suas significações mínimas locais, que operam nas tramas da microestrutura textual, quanto nos níveis subjacentes integrados, sobre os quais recaem as análises semântico-pragmáticas e conceituais.

Nord (1991) apresenta a tradução como comunicação intercultural, escola que preconiza que o tradutor precisa levar em consideração aspectos culturais pontuais registrados nos textos de partida e nos textos de chegada. Seu modelo contempla a análise distinta, relativamente às diferenças culturais, priorizando o leitor final. O tradutor analisaria previamente o texto fonte e, a partir de sua interpretação prévia, projetaria possíveis reações do leitor que, por sua vez, alinhará suas leituras com as preparações do autor. O tradutor exerceria o papel de mediador entre o texto de origem, os atores e o leitor. Nessa medida, ele parece atingir um patamar de análise que o permite antecipar as expectativas do receptor, principalmente em relação ao seu contexto sociocultural projetado.

O modelo parte do princípio da tradução voltada à investigação profunda do texto, justificando assim as escolhas que competem ao fazer tradutório, todavia, pressupondo que é igualmente preciso dominar algumas normas que permeiam a atividade de tradução. Na ótica da proposta de análise textual preconizada por Nord (1991), o pesquisador pode inclusive optar por trabalhar intralinguisticamente, ou seja, com textos escritos ou traduzidos para a mesma língua, ou interlinguisticamente, confrontando dois ou mais idiomas distintos. Segundo a teoria em foco, o importante é que se instaurem sintonias para a extração de sentido por parte dos agentes responsáveis pela confecção dos textos. Em termos de estudo, é igualmente importante que os textos examinados remetam a um mesmo fato de referência, tal como se caracteriza o material selecionado para a presente investigação. Assim constituídos, eventuais comparações se tornam viáveis e, por extensão, é possível estabelecer saliências, isto é, destacar fenômenos.

Nord (1991) entende a tradução como diálogo não somente entre fatos formais, situados no escopo da organização estrutural do texto. A autora acentua a importância das negociações entre componentes de natureza cultural. A comunicação intercultural circunscreve ações que garantem a harmonia entre polos, por vezes, aparentemente díspares. De fato, segundo os postulados dessa autora, cabe ao tradutor a responsabilidade de elaborar textos que considerem as especificidades dos universos aos quais se referem, garantido que possam ser construídos de modo a serem compartilhados socialmente tanto na direção do público receptor, quanto em sentido contrário. Sob essa ótica,

o tradutor “interpretaria” as cenas da cultura de partida de acordo com um suporte de conhecimentos de referência e, determinaria a configuração a ser atribuída ao texto na cultura de chegada.

As singularidades da cultura própria parecem passar a ser melhor observadas quando o sujeito se depara com modelos diferentes daqueles que já se tornaram imperceptíveis. Em primeira instância, os hábitos e costumes se cristalizam, passando a ser naturalizados por aquele que os pratica. A exteriorização, isto é, a visão externa dos fatos, emerge a partir do momento em que se é capaz de adotar postura estrangeirizante, tal como aponta Berman (2007). Diferentes conceitos e ideias a respeito do “mesmo fato”, ou sobre questões que se acreditam similares demandam cuidado em seu tratamento. Nesse sentido, Meschonnic (2009, p. 89) observa que “o estrangeiro não é somente o Outro, ele é também o invisível, o apagável apagado. A tradução, em sua prática comum, é também um apagamento do estrangeiro”. (Tradução nossa).<sup>2</sup>

O termo *transcultural* constitui um hiperônimo que pressupõe vasto leque de entradas específicas; no caso, os hipônimos decorrentes. Na teoria funcionalista, um dos princípios básicos a serem seguidos é o de considerar a tradução como ação e interação comunicativa através de perspectiva sociocultural, na qual o tradutor age sobre as bases linguísticas e as informações perimetrais julgadas pertinentes a respeito das culturas confrontadas. Aliás, trata-se de um fato primordial em toda e qualquer atividade em que se faz necessário opor representações situadas em polos distintos e voltadas a públicos distintos, tal como reitera Vermeer no excerto abaixo:

Há uma terceira etapa na evolução da comunicação humana e que envolve, possivelmente, uma revolução técnica de transmissão, mais radical do que a segunda: é a comunicação transcultural, quer dizer, a comunicação que penetra fronteiras culturais e linguísticas de pessoas de culturas e línguas diferentes. (VERMEER, 1986, p.17).

Segundo os postulados de Nord (1991) todo ato tradutório deveria primeiramente identificar as razões que permeiam a realização da comunicação visada. Dessa forma, seria possível evitar

---

<sup>2</sup> « Par quoi l'étranger n'est pas seulement l'autre, il est aussi l'invisible, l'effaçable effacé. La traduction, dans sa pratique commune, est aussi une effaçante de l'étranger ». (MESCHONNIC, 2009, p. 89).

descompassos entre o binômio julgado aqui como indissociável, ou seja: *texto* e *cultura*. Segundo a autora, é necessário destacar a função do texto alvo para, então, produzir tradução que se assemelhe à função vislumbrada pelo texto fonte. Assim, estabelecer-se-ia o ponto de partida para a comunicação intercultural. Ao se acatar tal premissa teórica, abre-se um vasto leque para considerações de aspectos socioculturais, históricos e, naturalmente, para seus sucedâneos ligados às visões políticas. Entre elas, as parcelas ideológicas; as relações de poder; as representações e imaginários individuais e coletivos decorrentes.

Para Nord (1991), a tradução é vista como *Handlung*, ou seja, não se trata de atividade estanque tanto no que concerne ao processo de realização, quanto ao que se refere ao produto final. No âmbito desta pesquisa, admite-se que o tradutor e o jornalista administram uma série de variáveis (*e.g* cultura, contexto, política editorial, questões históricas, etc.) para a execução de seus trabalhos, sempre com as atenções voltadas ao público de chegada. A reportagem traduzida só alcança sucesso no momento de sua recepção, instante em que, efetivamente, o destinatário atribuiu sentido àquilo que percebe. De acordo com Zipser (2002):

Traçando um paralelo com o texto jornalístico, veremos que essa modalidade de texto compartilha dessa dinâmica prospectiva de forma especialmente clara. O emissor – o jornalista tem por objetivo apresentar o fato noticioso e o faz para o seu leitor. Como o texto jornalístico, pela sua própria natureza, constitui um produto vendável, a adequação ao público leitor passa a ser uma propriedade. (ZIPSER, 2002, p.45)

O texto traduzido pode estar, ou não, inserido na função que lhe fora atribuída no texto de partida, e também no escopo sociocultural ligado ao idioma para o qual está sendo transportado. Tomando por base que a cultura se expressa, entre outras maneiras, pelo uso da língua e das linguagens em sentido amplo, e sendo que tais veículos de comunicação são, ao mesmo tempo, matéria de estudo e ferramenta para reflexões sobre a própria atividade tradutória, torna-se quase impossível separar o fator cultural do ofício do tradutor que usa a língua como manifestação e como recurso metalinguístico. Ao empregar a língua para a análise do texto, supõe-se que componentes culturais já estejam atrelados à

expressão, isto é, ao discurso. Com efeito, não há interpretação, tradução ou elocução isenta. Cada vez mais, torna-se primordial tanto na atividade tradutória, quanto na atividade jornalística, o exercício de profissionais que conheçam e compreendam as particularidades do fazer tradutório e, naturalmente, do auditório que processará a informação veiculada no texto. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca:

É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.22).

A teoria funcionalista de Nord (1991), em medida similar a teorias anteriormente desenvolvidas, tal como a hermenêutica de Schleiermacher (1768-1834), ou trabalhos contemporâneos como os de Berman (2007) e de Venuti (1995) entre outros, propõe uma ruptura no sentido de estabelecer contrapontos na correntes julgadas mais tradicionais em termos de estudos da tradução. Efetivamente, o modelo contribuiu para romper com algumas ideias cristalizadas durante anos em relação ao fazer tradutório, entre as quais a de que o texto de chegada deveria ser “idêntico” ou “fiel” ao texto de partida, tomando como exemplo, a máxima de que a tradução deveria manter fidelidade ao texto original, visando relações de equivalência, sobretudo entre palavras.

Para os pensadores funcionalistas da linha de Nord, a tradução consiste de uma atividade ligada à língua em uso efetivo, integrada à comunicação e ao discurso. A partir de seu enfoque tradutológico, o jornalismo, por si só, se aproxima dos processos interpretativos e tradutológicos nos quais a escritura parte de fatos concretos ou de declarações imediatas e vivas. Tanto na comunicação jornalística direta quanto em suas reexpressões realizadas para outros idiomas, encontram-se cenas comuns, ou seja, receptores imediatos em busca de informações. Neste ponto de convergência, o sentido a ser atribuído a um texto torna-se papel a ser exercido tanto pelas fontes de produção, quanto pelo próprio leitor. Efetivamente, trata-se de uma operação de intermediação de diálogos em prol de um entendimento adequado,

mesmo que tal fenômeno esteja permeado por interesses subjacentes. Ainda sobre a tradução, Lederer observa que:

A tradução é uma operação que procura estabelecer equivalências entre dois textos escritos em línguas diferentes, essas equivalências são sempre e necessariamente em função da natureza dos dois textos, das pessoas a quem se dirigem, da comparação entre as duas culturas, da ética, da intelectualidade, da afetividade, funções de todas as contingências próprias à época e ao lugar de partida e chegada. (Lederer, 1994, p. 11, tradução nossa).<sup>3</sup>

A teoria funcionalista de Nord (1991) centra-se, de forma mais direta, nos fatores culturais, considerando intrínsecas ao texto interferências de natureza política, ideológica, antropológica, filosófica, entre outras. Assim, a leitura de duas matérias telejornalísticas editadas para expor um mesmo acontecimento em dois países distintos: França e Brasil, com olhar voltado para as significações locais selecionadas para compor o sentido dos textos, explicita intenções e posições do tradutor enquanto agente ativo no processo de (re)exposição do fato. Efetivamente, o tradutor assume seu papel político, recompondo fragmentos e registrando marcas que eventualmente não são individuais, mas respostas aos esforços de toda uma equipe de produção diante das necessidades e obrigações advindas de esferas de controle, definidoras de padrões que, por sua vez, parecem quase sempre responder a interesses financeiros e políticos de grandes empresas.

De acordo com Nord (1991), toda tradução pode ser vista como ação comunicativa. Durante o processo tradutológico, o profissional organiza suas escolhas de acordo com seu público-alvo e com as restrições decorrentes do universo jornalístico para o qual trabalha. A tradução só se legitima quando lhe for atribuído sentido através da recepção do público, somente nessa etapa é que a tradução efetiva a função que lhe foi atribuída, não sendo diferente para os textos jornalísticos. Observa-se que:

---

<sup>3</sup> La traduction est une opération qui cherche à établir des équivalences entre deux textes exprimés en langues différentes, ces équivalences étant toujours et nécessairement fonction de la nature des deux textes, de leur destination, des rapports existant entre la culture des deux peuples, leur climat moral, intellectuel, affectif, fonctions de toutes les contingences propres à l'époque et au lieu de départ et d'arrivée [...]

Assim, somente o receptor efetivo atribui ao texto uma função. Nesse processo, exercem seu papel tanto as condições situacionais, que fazem certas funções textuais prevalecer sobre outras, quanto os sinais de intenção contidos no texto; da mesma forma, porém, também atuam [na recepção] as necessidades comunicativas individuais do receptor que, por exemplo, podem eventualmente levá-lo a priorizar os componentes informativos de um texto que, em princípio, não foi produzido para servir a um propósito informativo (um comentário, por exemplo). (NORD apud ZIPSER 2002, p. 28).

A autora percebe a tradução como ato comunicativo cíclico, bem distante da imaginada linearidade por vezes anunciada por correntes tradicionais. Segundo Nord (apud ZIPSER, 2002) e House (1997), o trabalho do tradutor não parte de um ponto inicial em direção a um ponto final. O profissional de tradução deve retroceder e avançar várias vezes nas etapas do processo tradutório, de modo a atingir várias versões e selecionar a mais adequada face aos objetivos visados.

Destacar e examinar alusões em dois textos televisivos sobre o casamento do príncipe britânico, veiculados, no Brasil e na França, destacando singularidades culturais – alusivas – realizadas em função do público brasileiro e do público francês, respectivamente;

O modelo desenvolvido por Nord (1991) objetiva, em suas bases, sistematizar e organizar o trabalho do tradutor e as suas escolhas. A função comunicativa será tomada como critério decisivo na definição da configuração da tessitura do material. Neste escopo estão incluídos aspectos de ordem semântica e sintática que Nord (1991) chama de aspectos intratextuais. A tradução de um texto deriva em razão de fatores situacionais no qual ele está inserido – ambiente no qual o texto foi produzido. Esses fatores situacionais são denominados pela autora de fatores extratextuais. Nord reconhece que classificar os fatores em *intra* e *extratextuais* consiste tão somente em recurso didático, uma vez que os textos não são unidades isoladas e que, efetivamente, seria inviável separar seus elementos, determinando parcelas caracterizadas como externas e outras como internas ao texto.

Cabe ressaltar que a autora desenvolveu seu modelo para ensinar a traduzir, tentando buscar a visão mais abrangente possível a respeito da tradução. Nord procura contemplar ao máximo questões implicadas na atividade tradutória, de forma a minimizar problemas que geralmente

recaem sobre o processo, como, por exemplo, os diálogos socioculturais que geralmente se estabelecem na transposição de um texto de uma língua a outra e, por extensão, de uma cultura a outra.

Após esta breve descrição sobre os postulados de Nord, descrevem-se, a seguir, algumas das teorias sobre o fazer jornalístico que auxiliam na construção do arcabouço teórico desta pesquisa.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE O FAZER JORNALÍSTICO

Em relação ao título desta sessão, uma breve atenção à etimologia das palavras permite observar que suas formas atuais ainda conservam traços de sua composição morfológica mais distante. De acordo com LE

ROBERT (2006), por exemplo, os morfemas que compõem a palavra *jour-nal-ismo* podem ser destacados e analisados. Assim, *jour*, do francês, remete à noção de *dia*. Sob esta base, uma atividade *journalière* transmite a noção de um evento que acontece diariamente, ou seja, a cada 24 horas uma nova sucessão de fatos será veiculada por meio de um *jour-nal*. Efetivamente, trata-se de uma atividade que se insere no aqui e no agora. A ansiedade do sujeito receptor, leitor, em geral, não se situa sobre objetos estáticos, mas sobre os eventos em tramitação. No caso em questão, sobre a notícia mais recente possível. O leitor do jornal busca informações a respeito de acontecimentos inéditos, sobre os quais busca detalhes extras e adicionais.

O “observador diário”, aquele que relata o fato, conduz seu leitor a pressupor a certeza de que há um corpo de profissionais constituído, atento a quase todos os fatos do cotidiano. Acredita-se que há uma entidade composta por equipes em vigília diária [*journalière*], sempre de prontidão, atenta e preparada para localizar, interpretar e registrar aquilo que vê ou ouve. O papel destes profissionais seria o de filtrar e, finalmente, o de levar ao conhecimento do público seu relato, ou melhor, *publicar*, tornar público. Em outras palavras, levar a notícia até o local onde se situa o sujeito receptor. Assim, surgem os textos diários [*journaliers*], ou melhor, os textos jornalísticos. Volumes de páginas distribuídas diariamente nos pontos de venda ou nas portas das casas ou, em se tratando de mídia visual, nas telas dos aparelhos instalados nos lares, captados através dos mais variados sinais. Em suma, a *notícia pronta* equivale a *produto comercializável*. De fato, um produto de valor midiático, posto que politicamente enquadrado em sistemas amplos, prontos para serem vendidos.

Para Traquina (2005), o jornalismo é, pois, um termo que circunscreve não somente uma noção abstrata, mas também toda uma

série de processos anexos e interligados que o constituem. Paralelamente aos movimentos e avanços sociais, aliados às conquistas industriais e tecnológicas, os veículos da notícia se tornaram, por um lado, extremamente complexos. Por outro lado, todavia, bastante ágeis. O jornalismo moderno, sobretudo em países como o Brasil, adquiriu caráter definidor das políticas e até de comportamentos sociais, assumindo papel preponderante em vários setores da sociedade, representando peça-chave para a constituição das configurações culturais em constante metamorfose. Não caberia aqui estabelecer juízos de valor em relação à pertinência, ou não, das intervenções dos meios de comunicação nos rumos comportamentais e na formação de opinião.

A partir do jornalismo televisivo os horizontes se ampliaram para além de limites outrora alcançados pelas emissões radiofônicas. Em decorrência desse fato, estenderam-se também as noções teóricas a respeito do texto, que passa aqui a ser aceito como entidade que abarca outras expressões além dos componentes puramente verbais. Assim, a exemplo da visão da Linguística e da Literatura, o Jornalismo, enquanto disciplina moderna, eleva o texto ao patamar de outras linguagens estéticas, a ponto vê-lo como capaz de noticiar fatos prioritariamente com foco centrado na expressão imagética.

A prática jornalística também se tornou responsável pela aproximação entre línguas por atuar além das fronteiras linguísticas e culturais. Por exemplo, lugares, personagens e fatos outrora singulares a outras nações, progressivamente se tornam *déjà-vus*, ou comportam traços comuns por já terem se tornado amplamente compartilhados em escala planetária. Tal fato será posteriormente destacado no *corpus* examinado, tendo em vista a capacidade de irradiação de certas composições profícuas em contexto sociocultural. Os recursos do jornalismo se tornaram, assim, muito vastos, a ponto de transformarem fatos transmitidos ao vivo em verdadeiros documentários, tal como o *casamento na corte inglesa*.

O jornalismo moderno busca responder às demandas de seu público. Assim, excluídos os juízos de valor, se por um lado há receptores interessados, por exemplo, em temas referentes à economia, esportes ou aventuras; por outro lado, há públicos interessados em história, cultura e variedades. Nesta pesquisa, como já observado, o foco recai sobre um evento celebrado por grandes multidões em várias partes do mundo e, ao mesmo tempo, ignorado, recusado e criticado por outras parcelas da sociedade. Tais oposições não impedem, no entanto, que o jornalismo execute suas metas, pelo contrário, a partir do instante em que determinado fato é passível de grande interesse, ressaltam-se

oportunidades para movimentar todo um mercado consumidor, pois os bastidores políticos e comerciais que envolvem um fato que atrai milhões de espectadores permitirá vender espaços de intervalos e gerar grandes lucros. Logo, independentemente de quaisquer juízos valorativos, não se pode negar que *o casamento na corte inglesa* mobilizou milhões de pessoas de vários países.

Sobre eventuais julgamentos valorativos, relativamente ao tema veiculado no *corpus* selecionado para esta pesquisa, descarta-se tal possibilidade, pois as críticas não poderiam ser cientificamente sustentadas. Interessa, sim, focar os elementos que remetem aos diálogos entre o fazer jornalismo, seguido da interpretação e tradução do fato, tal como propõe Zipser (2002), sobretudo ao estabelecer a nova interface entre jornalismo e estudos da tradução. O foco dessa pesquisa visa, assim, como já sublinhado, submeter à análise duas representações de um mesmo acontecimento. Por ter envolvido, estatisticamente, enorme público, a pesquisa se justifica pelo fato de se pretender verificar como o jornalismo lida com componentes culturalmente constituídos e quais influências no escopo da cultura brasileira e francesa busca-se preservar.

O jornalismo tem como funções principais informar, orientar e entreter. Trata-se de uma atividade que se instaurou como necessidade social, cujo processo de base consiste em captar e transmitir informações, interferindo sobre a maneira de fazê-lo. Corroborando essa ideia, Luiz Beltrão (2006) afirma que a necessidade social do jornalismo foi se desenvolvendo ao longo da história alicerçado em três principais fatores:

- 1) Ampliação e diversificação das atividades e crescimento significativo das populações, o que acarretou a necessidade de informações que possibilitassem a vida social, as trocas comerciais e os acordos entre governos e sociedade;
- 2) Crescimento econômico e mobilidade social da população e o desenvolvimento dos veículos de comunicação.
- 3) Fortalecimento do poder político e desenvolvimento do interesse público, que fomentou a necessidade de informação para a população sobre os seus direitos e deveres, e sobre decisões políticas.
- 4) Beltrão ainda acrescenta:

[...] quisemos apenas situar o jornalismo como atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição que, no mundo contemporâneo, assume o caráter de uma necessidade social tanto

mais imperiosa e tanto mais ampla quanto a sociedade se complica e se sensibiliza. (BELTRÃO, 2006, p. 29).

O fazer jornalístico atual opera sobre premissas que, desde a sua criação, geram polêmicas e discordâncias. Os manuais de redação, como, por exemplo, o da *Folha de São Paulo*, dizem que os textos jornalísticos devem ser objetivos, representar a verdade, e buscar a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade. Todavia, tais premissas não parecem constituir tarefas tão simples de serem obedecidas, uma vez que encontramos diversos pontos de vista contraditórios às ideologias do jornalismo.

Muito se fala sobre neutralidade, objetividade, imparcialidade e veracidade no discurso jornalístico, porém todas essas premissas da atividade jornalística só serão plausíveis se levarmos em consideração a esfera sociocultural no cerne da qual se produz determinado texto jornalístico. Este é, aliás, um dos pontos que a presente pesquisa deseja considerar.

De acordo com Meditsch:

Todo o conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto de vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como a humanidade e a história são processos que estão em construção, naturalmente não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente neutro. (MEDITSCH, 1992, p. 31).

Sponholz (2009) aborda o jornalismo como um tipo de processo de conhecimento. Em seu trabalho, a autora faz menção à obra de René Magritte, *La trahison des images [A traição das imagens]*, que utiliza a figura de um cachimbo como uma representação da realidade, uma vez que o cachimbo que aparece na obra é apenas uma representação e não o objeto em si. “A obra trabalha com a idéia de uma realidade secundária, uma realidade representativa. A figura desenhada por Magritte não é um cachimbo de verdade, mas sim a representação de um cachimbo”. (SPONHOLZ, 2009. p. 78). Sendo assim, podemos fazer uma comparação com o fazer jornalístico que trabalha com a realidade secundária, uma vez que a notícia será sempre uma representação da realidade e não a realidade em si.

Ainda de acordo com Sponholz (2009) no jornalismo encontram-se dois tipos de realidade: (i) aquela sobre a qual se noticia, ou seja, a realidade física e social, e (ii) a realidade produzida pelo jornalismo, ou seja, a realidade midiática.

A realidade objeto do jornalismo é epistemologicamente objetiva no sentido de que os fatos que a envolvem podem ser averiguados intersubjetivamente. Uma eleição, por exemplo, existe indiferentemente da posição política do jornalista. (SPONHOLZ, 2009, p. 79).

A realidade midiática desenvolve simultaneamente o *status* ontológico e epistemológico.

Segundo Van Dikj (2005), é muito evidente que a produção de uma notícia envolva vários tipos de conhecimentos e informações, e que também envolva o olhar próprio de cada jornalista sobre o fato que será noticiado. Segundo o autor, a notícia ainda sofre influência do meio cultural e político no qual foi produzida. Existe um processo abstrato que permeia tanto a produção de uma notícia, quanto sua recepção. Ambas estão condicionadas a modelos sociais e culturais compartilhados. Sendo assim, acredita-se que imparcialidade, objetividade, neutralidade e verdade são tão somente ideais jornalísticos inatingíveis, levando em consideração que cada fato traz consigo fortes cargas culturais e ideológicas que lhes são inerentes, em sendo intrínsecas à própria língua(gem). Tais designações podem surgir a partir da força das expressões, todavia, enquanto asserção, precisarão sempre ser modalizadas e questionadas.

Outro fator que atinge diretamente o fazer jornalístico é a imagem que o público constrói da imprensa. Essa percepção criada pela audiência advém da história e da tradição de cada povo. Sendo assim, parece ser possível supor que os conceitos a respeito da imprensa são erguidos, em parte, a partir dos próprios discursos jornalísticos que definem suas posições, disputando entre si. O discurso jornalístico também é qualificado, de forma direta ou indireta, por meio dos estereótipos que o público e as evoluções políticas geram a seu respeito. Por exemplo, um veículo de esquerda pode ter sua posição alterada a partir do instante em que um grupo de esquerda passe a ser majoritário.

A imagem da imprensa é formada a partir de evoluções históricas, sociais e culturais, além de estar condicionada à própria participação do veículo de comunicação nos processos políticos. No

caso do *casamento real na corte inglesa* a cobertura do evento parece ter sido realizada de modo a deixar aberturas para que cada centro de captação, situado em outros pontos do mundo, pudessem preencher espaços e consideração voltadas às especificidades de seu auditório local. No caso específico deste trabalho, Brasil e França receberam tratamentos singulares condicionados também às características da rede de retransmissão.

Para Sousa (2002) o jornalismo francês se constituiu, ao longo da história, antes na posição de intérprete e comentador. De fato, um intelectual, especialista ou artista capaz de discutir o evento. O jornalista francês parece recusar o papel de repórter de fatos. Para o auditório francês torna-se imprescindível a opinião e o comentário produzido pelos profissionais de comunicação. Em relação ao Brasil, parece que, por vezes, o público busca – ou aceita – a suposta “imparcialidade”, atribuindo a ela certo valor positivo.

### 2.3 REFLEXÕES SOBRE O TELEJORNALISMO

A televisão se tornou o meio de transmissão mais abrangente dos conteúdos jornalísticos desde a segunda metade do século XX, uma vez que trouxe a tecnologia da imagem, a agilidade e uma forma mais dinâmica de fazer jornalismo. A história da televisão foi construída de formas diferentes nos diversos continentes. Na Europa, muitos dos canais televisivos, são controlados pelos Estados, já na América esse meio de comunicação foi introduzido pela iniciativa privada, mais precisamente pelas cadeias de rádio a partir de 1930. Partindo dessas diferenças, podemos dizer que existiam, e ainda existem, implicações nas escolhas dos conteúdos jornalísticos a serem veiculados, como reitera Sousa (2008, p. 85):

Teoricamente, o serviço público televisivo europeu proporcionaria uma televisão mais sóbria e comedida, “de qualidade”, mas essa teoria é desmentida quotidianamente por televisões privadas de excelente qualidade, como a SIC Notícias, em Portugal. A lógica da televisão de serviço público europeia, em muitos casos, foi e continua a ser subvertida, em maior ou menor grau, pelas pressões e interferências dos governos na informação.

O telejornal tornou-se, progressivamente, o principal formato instituído a partir da segunda metade do século XX nos grandes centros urbanos. O telejornalismo consiste de uma espécie de emissão para todas as audiências, veiculado geralmente no horário dito “nobre” das televisões não segmentadas. Sua estrutura é composta por uma série de pequenas reportagens, apresentadas por um âncora, em alguns momentos com transmissões ao vivo e comentários realizados por jornalistas das bancadas.

De acordo com Ramonet (apud SOUSA, 2008, p.80), o telejornal apresenta fatalidades ontológicas. Para o referido autor, o texto audiovisual desenvolve-se de forma irreversível, no sentido em que o telespectador não possui nenhum domínio nem sobre o ritmo, nem sobre a velocidade da leitura do material exposto. O confronto entre audiência e rentabilidade traz para os telejornais uma série de imposições, tais como: duração, segmentação de blocos e hierarquização de importância concedida aos fatos.

De acordo com as observações de Oliveira (1999), a forma de organização do discurso jornalístico, bem como o contexto do qual provêm as informações, servem de base para a construção do texto jornalístico que, por sua vez, também se aplica ao subgênero telejornalismo. A linguagem jornalística deveria sempre buscar a simplicidade, a concisão e a precisão, de forma que fosse, no caso do telejornalismo, assistida uma única vez e apreendida. Admite-se a ideia de que o discurso jornalístico, incluindo o telejornalismo, está se modificando em razão dos apelos da modernidade, ou seja, da adequação ao mercado consumidor; adequação às mídias publicitárias e aos interesses políticos e sociais, entre outros.

A variedade de temas nos telejornais parece visar contornar o “tédio” de certos públicos telespectadores. Em um jornal de 30 minutos pode-se contar em torno de 20 a 25 temas diferentes. Entretanto, essa necessidade de fidelizar o telespectador, buscando evitar descontentamentos tem acarretado descontextualização de informações, uma vez que são apresentadas reportagens plurais em curtos espaços de tempo. A passagem de uma a outra parece não obedecer a categorizações minimamente lógicas. No telejornalismo europeu, contrariamente, parece existir uma preocupação maior com a contextualização das notícias, implicando maior período de tempo dedicado a reportagem. O telejornalismo brasileiro das redes abertas, por sua vez, parece ainda condicionar seus conteúdos, favorecendo o espetáculo, o drama e a superficialidade em relação aos temas que aborda. De acordo com Sousa (2008, p. 80):

Além da variedade temática, o telejornal Hollywoodiano foi buscar no cinema a noção de mesclagem de gêneros. Melodrama, aventura e comédia, por exemplo, podem conviver num único telejornal ou até numa única peça. Foi também no cinema que se foi buscar a noção de que o telespectador pede mudança de dez em dez minutos.

Assim como as emissões radiofônicas dos anos 1930, 1940 e 1950, a televisão surgiu e rivalizou com outros veículos eletrônicos destinados à comunicação de massa. A globalização das notícias teve o seu início em 1962, por via satélite, inicialmente estabelecida entre a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Desde então, acontecimentos marcantes vêm sendo divulgados em escala global. A título de exemplo: o assassinato do presidente Kennedy, a chegada do homem à lua, a guerra gerada no Vietnã, o casamento da princesa Diana, os conflitos do Golfo, o 11 de setembro, a morte de João Paulo II e, por último, convergindo para o objeto de estudo desta pesquisa, o casamento do príncipe William com Kate Middleton. Para cada um desses fatos de repercussão global há tipos de jornalismo específicos, naturalmente, em função das políticas dos Estados, das culturas implicadas, das ideologias em voga, das audiências e dos mercados comunicativos instituídos.

Na editoria de jornalismo internacional, em sentido metafórico, os profissionais tornam-se espécies de “reféns” das agências de notícias. O primeiro olhar editado sobre os fatos já lhes é sempre apresentado de antemão. O grande desafio do profissional-jornalista-intérprete-tradutor é encontrar, na miscelânea de ofertas de pautas diariamente oferecidas pelas agências de notícias, temas relevantes e que possam ser de interesse do público a que se destinam. No caso desta pesquisa, estamos nos referindo a telespectadores do Brasil e da França, países nos quais há um público consumidor considerável para assistir notícias ligadas à corte inglesa.

Como observado, grande parte das reportagens internacionais chegam ao público receptor a partir de seleção prévia realizada pelas agências de notícias. Estas, por sua vez, comercializam imagens e textos pré-redigidos mediante contratos firmados com as emissoras parceiras. O custo gerado pelos correspondentes internacionais, repassado às empresas de distribuição de comunicação, muitas vezes, inviabiliza as negociações. No caso deste estudo, a empresa brasileira com fundos suficientes para negociar a divulgação de um evento de tal envergadura

foi a Rede Globo de televisão, que apesar de contar com equipes de reportagens em vários pontos do planeta, também recorre aos serviços das agências de notícias. De fato, em casos como o do *casamento na corte* não poderia ser diferente, pois se trata de evento comercializável. No caso de grandes coberturas, como é o caso do tema selecionado para esta pesquisa, as equipes internacionais são cerceadas em relação à instalação de infraestrutura, ocupação de ângulos-chave, acesso a bastidores ou informações prementes e relevantes. Resta, por consequência, se adequar aos acordos políticos e financeiros.

De acordo com Pontual (2005), os correspondentes em situação extramuros, ou seja, internacional, geralmente encontram limites para exercer seu trabalho em países estrangeiros. Entre as restrições pode-se citar: a forma como o profissional de comunicação é visto no exterior; a posição política dos governos instituídos em ambos os pólos; os interesses em divulgar ou restringir acontecimentos; as relações entre os países; as diferenças culturais e religiosas; entre outros aspectos sobre os quais não nos estenderemos.

Com exceção de eventos dramáticos, como, por exemplo, guerras, conflitos, crimes, ações violentas, entre outros, a televisão brasileira parece destinar pouco espaço em sua grade para notícias internacionais ligadas a países menos desenvolvidos economicamente. As reportagens visam prioritariamente eventos do universo anglo-americano e europeu e, por vezes, ligados ao crescimento econômico asiático.

De acordo com Alcure (2005, p. 165), Bárbara Crosssette, jornalista americana, faz distinção entre jornalismo internacional e *Foreign News*, justificando o consagrado uso do adjetivo “internacional”, pela ênfase que concede às relações entre acontecimentos da realidade mundial de determinado país e seu público. Partindo dessa premissa, as inter-relações entre fatos internacionais ocorridos e o público-alvo são fundamentais na perspectiva jornalística.

Para Eco (1984), a relevância e a proporção marcam a importância jornalística de determinado acontecimento; justificam sua apuração, documentação comprobatória e veiculação como notícia. A relevância nos rege no sentido da seleção de assuntos por ordem de importância. Todavia, pergunta-se: existiria uma escala de importância inerente ou toda a importância sempre diz respeito àqueles que assistem ao fato? Ainda de acordo com Alcure:

Hoje, graças à alta exposição, às tecnologias de transmissão de notícias e imagens em tempo real,

à sofisticação dos meios e recursos de comunicação, temos a ilusão, senão a pretensão, de assistir à cena completa, de conhecer o que se passa aqui e no mundo, esquecendo que “só nos ocultam o principal”. Desconhecemos assim o tamanho e a relatividade de nosso próprio conhecimento. Ao tomar a parte pelo todo, corremos o risco de piamente acreditar que estamos bem informados, como uma criança satisfeita com um pacote de biscoito, mas que nem por isso a deixa bem alimentada. (2005, p. 167)

O profissional do telejornalismo internacional depara-se com uma variedade de assuntos que demanda conhecimento em áreas distintas concomitantemente. Diferentemente dos jornalistas de veículos impressos, ou mesmo dos profissionais de telejornalismo que atuam no seu próprio país, o correspondente internacional assume função plural, ou seja, precisa abordar temas de diversos seguimentos.

Assim, para que se consiga exercer um jornalismo de qualidade é indispensável o pensamento crítico na fabricação de um texto midiático de caráter informativo. A construção de um discurso autêntico e bem fundamentado são as ferramentas necessárias para o profissional de telecomunicação.

## 2.4 O PONTO DE VISTA DE FRANK ESSER

O objetivo da presente sessão é apresentar brevemente os principais fundamentos da teoria de Esser (1998), que servem de apoio para essa pesquisa. Parte-se do princípio de que se pode expandir os postulados de Esser (1998) para o telejornalismo, considerado aqui subgênero do jornalismo. Como já mencionado anteriormente, trata-se de uma atividade que influencia a sociedade, ao mesmo tempo que se configura como uma de suas partes constituintes por sua preponderância na vida de parte considerável das populações.

Esser (1998) estabelece comparações entre o jornalismo inglês e o alemão. Propõe uma reflexão particular sobre fatores que conduziram o fazer jornalístico nesses dois países, direcionando suas discussões para a comparação entre materiais midiáticos impressos em âmbito internacional. Tal abordagem evidencia que cada cultura estabelece parâmetros que acabam se tornando singulares, uma vez que respondem a objetivos específicos.

É importante considerar que os valores culturais muitas vezes emergem naturalmente e de forma inexorável nas diversas cenas que a atividade telejornalística promove sobre a própria sociedade através de seus textos, sejam eles verbais ou não verbais. Assim, de acordo com Esser:

[...] o jornalismo de cada país é marcado por condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes. (ESSER apud ZIPSER, 2002, p. 21).

Dessa forma, pode-se dizer que a multiculturalidade e a interculturalidade situam-se sobre as principais linhas norteadoras do fazer jornalístico e, por extensão, do ato interpretativo e tradutório. Quando se comparam notícias veiculadas em países diferentes, na verdade não se está comparando somente fatos, mas sim componentes socioculturais, evidenciando considerações enquadradas ideológica e politicamente sobre o que esses fatos representariam. Os contatos interculturais fazem com que o jornalista se posicione numa espécie de antecâmara, ou seja, um duto de passagem para o universo do outro, no interior do qual se realizam metamorfoses condicionadas. No contato entre culturas haverá sempre alterações do texto em razão das oposições socioculturais. Ao serem traduzidos para o público receptor, os textos se conformarão às configurações definidas em função das características do polo receptor projetado pela empresa midiática. Dessa forma, o conhecimento das propriedades do auditório projetado é essencial para a determinação dos percursos a serem adotados no processo de passagem de um código a outro, de uma língua a outra ou, ainda, de uma cultura a outra. Os condicionamentos e implicações registrados na matéria pronta resultam do processo. A premência e rapidez do telejornalismo não permitem longas reflexões. Recorre-se, pois, às orientações-modelo como forma de acelerar as elaborações textuais e imagéticas.

Para Zipser (2002), com base nos estudos de Esser (1998), o jornalismo constitui um sistema parcial de atuação social. Sua influência se desdobra através dos seus agentes imediatos, a saber: repórteres, redatores, chefes de edição ou o próprio leitor que interfere na reconstrução das realidades. As representações se realizam, em parte, com base na constituição cultural do público receptor. No jornalismo os conceitos de realidade se definem a partir das configurações do público

alvo. Suas conceitualizações prévias, ligadas às formações culturais, definem as linhas a serem adotadas para que aquilo que se diz em uma cultura possa ser dito, de maneira similar, na cultura do Outro. Parafraçando o título do livro de Eco (2007), tudo que se consegue fazer é dizer “*Quase a mesma coisa*”. Através da obra de Esser (1998) foram demonstrados os constituintes do fazer jornalístico.

Esser subordina o estudo do jornalismo a uma série de condicionantes que o retiram de uma esfera ideal e desatrelada da realidade para colocá-lo ao lado de todas as outras manifestações de produção de sentido na sociedade. (ZIPSER, 2002, p. 25.)

Para Zipser (2002), os estudos comparativistas também de ordem internacional podem ser identificadores de marcas que permitem perceber como cada nação/cultura imprime em seu jornalismo uma identidade condicionada a fatores de ordem cultural. Através da análise de um mesmo fato, veiculado em duas culturas distintas, torna-se possível perceber a pluralidade de fatores, por exemplo, fatores de ordem subjetiva, estrutura de mídia, entre outros aspectos, já citados, a serem levados em conta no fazer jornalístico. De modo paralelo, é possível considerar os impactos gerados nos processo de recepção e interpretação por parte do público receptor.

A função do jornalismo, seja ele impresso, televisivo, radiofônico, via *web*, etc., é a de informar ao público o que está ocorrendo, configurando-se sempre uma versão do fato noticioso.

Van Dijk (apud OLIVEIRA, 1990), acredita que, em geral, concede-se grande importância ao tratamento de aspectos semânticos quando da elaboração do material relacionado à divulgação de fatos, todavia, para o autor é preciso ir além. Juntamente com o texto jornalístico encontram-se elementos pragmáticos que são diretamente influenciados pelo contexto cultural que circunscreve toda a produção. Partindo dessa premissa, acredita-se que o texto jornalístico, assim como o telejornalístico, apresenta uma visão bidimensional, ou seja, uma visão que emerge a partir daquele que produziu a reportagem, e outra referente à política interna da empresa midiática, no caso deste estudo, as empresas de televisão.

De acordo com Esser (1998), o fazer jornalístico de cada país é constituído, desde sua gênese, por influências de fatores socioculturais, históricos, jurídicos, econômicos, bem como por fatores relacionados à

conduta do profissional, ou seja: ética, competência, comprometimento e responsabilidade. A partir dessa linha de raciocínio, torna-se impossível acreditar que o jornalismo que se constituiu no Brasil seja similar àquele desenvolvido na França, haja vista que um e outro se configuraram a partir de esferas específicas. Esser sistematizou uma gama de fatores influenciadores do fazer jornalístico em um modelo conhecido como: “modelo pluriestratificado integrado”. O autor denominou seu modelo de “metáfora da cebola”, utilizando as ideias de McCombs.

Houve várias tentativas de identificar e classificar esses fatores de influência. Uma maneira simples de classificação desses fatores de influência é a “metáfora da cebola”. Comparamos o jornalismo – retomando a idéia de Maxwell McCombs – com uma cebola, sendo que cada camada da cebola representa um fator de influência do fazer jornalístico. (ESSER apud ZIPSER, 2002, p.21.).

Figura 1: Fatores de Influência no Jornalismo: **Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER - 1998)**



O modelo de Esser (1998) apresenta instâncias que podem influenciar e interferir no fazer jornalístico. Para o teórico essas instâncias são evidenciadas quando a comunicação ocorre em situações culturais diferentes.

A esfera social, moldura histórico-cultural, é o nível mais periférico de todo o processo. Ele engloba todas as demais camadas e

emoldura todos os fatores que influenciarão o fazer jornalístico. Fazem parte desse patamar as questões que permeiam os valores culturais de cada sociedade ligadas à estruturação da imprensa, bem como a questões ligadas ao jornalismo. Liberdade de imprensa, contexto histórico da sua formação, tradição jornalística, conceitos abstratos de objetividade, verdade, seleção de pautas presentes em cada cultura e questões políticas – condições determinantes da esfera político-social.

A esfera estrutural da mídia consiste na segunda camada do modelo de Esser (1998). Nela estão representadas as condições normativas, econômicas e jurídicas, direito de imprensa, ética profissional, condições econômicas do mercado da mídia, influência dos sindicatos e a formação dos profissionais do jornalismo.

A esfera institucional, ordenações institucionais, compõe a terceira camada do modelo de pluriestratificado integrado. Os fatores abarcados nesse patamar são: estruturas dos veículos de comunicação, seleção, redação e edição e as tecnologias de redação.

Na última camada encontramos a esfera subjetiva, são os elementos de formação individual, valores, crenças, posições políticas, profissionalização do jornalista e sua posição sociodemográfica.

No modelo proposto por Esser (1998) as camadas interagem e se influenciam mutuamente. Podemos aqui fazer uma breve correlação de seus postulados com a teoria proposta por Nord, na qual os fatores do processo se condicionam mutuamente, e qualquer alteração em um dos fatores resulta na alteração do produto final.

Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve sua influência somente em conjunto com as demais forças. As quatro esferas moldam o fazer jornalístico. (ESSER apud ZIPSER, 2002, p. 26).

Os quatro elementos apresentados no modelo pluriestratificado integrado interagem e influenciam os demais, como uma espécie de ciclo permanente. Seguindo essa linha de raciocínio, a camada externa à esfera social impede que os aspectos subjetivos brotem sem prévia seleção. Já os fatores que compõem a esfera da mídia influenciam as camadas externas, impedindo posições generalizadas.

Tanto a atividade tradutória quanto a atividade jornalística acontecem de forma cíclica, na qual os elementos que as constituem e as

influenciam determinarão sua identificação com o contexto no qual estão inseridos e com o público receptor.

No caso do *casamento na corte inglesa*, o fato representado em duas culturas diferentes externas ao fato, evidencia o fenômeno do olhar estrangeiro. Mesmo no caso do jornalismo que afirma prezar pela verdade, objetividade e imparcialidade, os filtros culturais gerarão reações e se farão perceber em muitas sentenças.

Muito embora se saiba que existam muitas implicações inerentes ao fazer jornalístico, no escopo desta investigação nos interessa considerar o fenômeno da alusão. Naturalmente, trata-se de, apenas, um entre tantos outros aspectos de natureza discursiva presentes no texto jornalístico. Todavia, como marca específica do fenômeno amplo denominado *intertextualidade*, a ação de aludir ocupa espaço fundamental na composição do texto quando de fricções entre culturas diferentes. O fato de aludir funciona, de certa maneira, como uma espécie de metáfora, ou seja, a partir de orientações textuais recorre-se a elementos de uma cultura como forma de explicar fatos de outra cultura. Por exemplo, pode-se promover interespaços e intercenas para ligar dois fatos, de forma que possam ser melhor compreendidos. A partir de comparações ou referências a objetos e processos conhecidos catalisam-se identificações fundamentais para uma melhor compreensão do material exposto.

## 2.5 O RECURSO ALUSIVO

O termo “intertextualidade”, em sentido mais amplo, ganhou notoriedade a partir dos anos 1960, a partir de sua introdução por Kristeva (1980). A autora considera o texto com uma “absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1980, p.72). Sob esta linha de pensamento, o conceito de texto vem sendo discutido exaustivamente, o que proporciona muitos esclarecimentos em relação ao texto jornalístico e aos textos traduzidos. De acordo com a autora, um texto não é uma unidade constituída de forma particular, mas sim uma soma de textos que já foram redigidos anteriormente, e de outros que ainda surgirão. Se o texto não é uma entidade constituída de forma singular, também não poderá ser interpretado de forma isolada. Sendo assim, faz-se necessário conhecer o contexto, o público receptor, sua forma e origem, para vislumbrar interpretações pertinentes.

Uma das formas de se perceber as diversas influências da intertextualidade nos textos é verificar como acontecem os processos de alusão. Nesse sentido, Niknasab (2011), em seu ensaio intitulado

*Translation and Culture: Allusions as Culture Bumps*, define a alusão como um dos processos mais recorrentes utilizados na estrutura narrativa dos diversos gêneros textuais, configurando-se como uma breve referência explícita ou implícita a pessoas, lugares, eventos, obras literárias, personagens históricos, ou ainda, a temas sobre os quais o texto possa discorrer. Para a autora, alusão é uma forma de intertextualidade que se desenvolve em grande parte através de ecos verbais entre os textos. A alusão desempenha papel importante no sentido de ser um procedimento utilizado pelo escritor-jornalista-tradutor para persuadir ou convencer seus leitores, remetendo-os às suas experiências sensíveis, correlacionadas com suas realidades, com seus estoques de informações registradas.

A alusão desempenha papel essencial na composição textual, pois constitui um procedimento que permite resgatar a força contida em outras vozes presentes na língua e fixá-la no texto. Tal operação, além de constituir recurso estilístico, permite ancorar o texto concedendo-lhe a capacidade de produzir efeitos diversos: indução, convencimento, persuasão, entre outros.

Leppihalme (1996), em seu artigo *Caught in the Frame- A Target-Culture Viewpoint on Allusive Wordplay*, observa que a alusão se configura de duas formas distintas:

(i) alterando-se as estruturas linguísticas, por exemplo: “jogando com as palavras”. Utiliza-se como exemplo, de um provérbio popular brasileiro, irônico, sarcástico e sexista: “O cachorro é o melhor amigo do homem” – “o cartão de crédito é o melhor amigo da mulher”. Partindo de um provérbio conhecido, valida-se um conceito já existente, pré-formado, a respeito de *amizade entre seres humanos e cachorros*, para um outro contexto. Estabelecem-se assim bases para firmar outros vínculos, gerando efeitos de humor, crítica, sarcasmo, dependendo dos interesses e das interpretações que possam emergir a partir do emprego alusivo;

(ii) recorrendo a um campo semântico deslocado para outro contexto como pode ser observado no seguinte verso do poema de Camões – “Amor é fogo que arde sem se ver/é ferida que dói e não se sente”. Atribui-se sentido diferente às palavras *ferida* e *dor* fazendo-se alusão às agruras do amor. Dessa forma recorre-se a escolhas lexicais conhecidas do polo receptor com o intuito de construir sentido em um novo contexto.

Leppihalme (1996) classifica a alusão de três formas:

i) antônimas: utilização de palavras com sentido inverso. Substituição de palavras por um antônimo, oposto semântico.

- ii) homófonas e homógrafas: respectivamente palavras com o mesmo som e mesma grafia, mas com sentidos diferentes.
- iii) parônimas: utilização do conceito pré-existente embutido em uma dada frase, porém alterando-se algumas palavras.

Seguindo a proposta de Niknasab (2011), a alusão pode ser classificada em quatro grupos:

- i) religioso: apresenta de forma direta ou indireta discursos bíblicos, menção a santos, profetas ou qualquer outro referente que remeta a alguma crença ou religião;
- ii) mitológico: apresenta elementos, em seu discurso, de fábulas, histórias regionais e folclores;
- iii) literário: utiliza, na sua retórica, elementos de outros textos literários, citando nomes de personagens, locais ou mesmo uma situação;
- iv) histórico: na construção de um texto, faz uso da história de cada cultura, costumes, ditadores, presidentes, posição geográfica, símbolos, entre outros.

Nesta pesquisa, trabalha-se principalmente com as seguintes classificações de alusão: antônima, parônima, histórica e religiosa.

Aludir corresponde, em síntese, a recorrer a uma situação que se supõe conhecida do polo receptor para que este possa se apoiar em algo para construir sentido em relação àquilo que percebe. Quando o processo se efetiva, pode-se supor que o componente cultural abordado, outrora desconhecido, estranho, ou que necessite de precisão, possa ser mais facilmente assimilado e processado. As metáforas, fenômeno de natureza similar, também podem exercer esse papel, sobretudo em domínios em que há oposições mais marcadas entre o conhecimento científico e o conhecimento sensível<sup>4</sup>.

Uma metáfora consiste em recorrer a um conhecimento expandido, extraído de outro domínio do saber, usando-o como referência para explicar processos desconhecidos ou cuja compreensão seja complexa. Por exemplo, a asserção “*a vida acadêmica é como um sacerdócio*”. Para tentar conduzir o leitor à ideia de que “*a vida acadêmica exige muita dedicação daquele que a abraça, e que esse empenho compara-se à vida daqueles que se dedicam verdadeiramente a determinada crença*”. De fato, “*a vida acadêmica não é um sacerdócio*”. A ciência não explica seus fenômenos por meio da religião. Porém, todo

---

<sup>4</sup> Platão (427 a.C.) Conhecimento científico – conhecimento adquirido de forma epistemológica. Conhecimento sensível – conhecimento adquirido através da experiência de vida.

aquele que possua uma breve noção a respeito do imenso empenho que exige o sacerdócio pode tomar por base a referida comparação para melhor delinear as ideias a respeito do grau de envolvimento dos acadêmicos com as pesquisas, os estudos, as publicações.

Nesse sentido, a utilização de recursos alusivos em um texto, seja ele oral ou escrito, somente é validada mediante compartilhamento cultural estabelecido entre jornalista/tradutor e público-alvo. No caso desta pesquisa, se o telespectador estiver em um contexto cultural diferente daquele em que se encontra o jornalista, pode haver descompassos na compreensão da alusão utilizada. Uma interpretação alusiva somente se catalisa quando a alusão é culturalmente familiar ao leitor, seja em seu sentido completo, seja em termos de significações locais.

A utilização de alusões nos textos jornalísticos e literários é muito frequente. É provável que a utilização de tal recurso seja inerente às linguagens de modo geral e às línguas de modo específico, tendo em vista que o próprio idioleto acarreta situações cuja inteligibilidade exige assentamentos micro e macroculturais. A alusão passa a constituir problema crítico quando se traduzem textos técnicos, obras literárias e textos jornalísticos para culturas distintas daquelas em que foram produzidas, pois exigirão adaptações, tendo em vista que as referências serão outras.

A alusão opera a partir da ativação de conhecimentos prévios de cada leitor. Esse recurso pode ter alcance regional, nacional e, em alguns casos, internacional. No texto jornalístico, as alusões podem ser utilizadas com o intuito de produzir efeitos de humor, ironia, persuasão, entre outros.

A remissão a cenas ou a entidades aparentemente extratextuais muitas vezes exerce papel essencial na composição do sentido textual, uma vez que ativa uma série de operações, entre elas a retificação, a clarificação e a atualização. Nesse sentido, a alusão constitui um dos recursos intertextuais de grande envergadura no estudo do texto.

Leppihalme (1997, p. 6) explica que a alusão é frequentemente empregada como sinônimo de *referência*, ou seja o processo alusivo refere-se a “outro objeto, cena ou fenômeno”. Para a referida autora, existem acordos entre alguns pesquisadores que corroboram esse conceito de alusão. Usa-se a alusão como um termo “guarda-chuva”, que inclui uma variedade de materiais linguísticos pré-formatados, na forma original ou modificada, e nomes próprios que frequentemente têm significado implícito alicerçado na cultura.

Tratando-se de tradução audiovisual, de acordo com Lippihalme apud Dore (2010 p. 9) os processos alusivos como referências culturais específicas se compõem de signos verbais e não verbais que podem constituir problemas para as trocas interculturais, uma vez que se referem a objetos ou conceitos específicos apenas no contexto sociocultural original.

Alusão cultural específica é um fenômeno multifacetado. Assim sendo, torna-se complexo definir categorias de maneira fixa. Dore (2010) divide os recursos em frases-chave ou nomes próprios. Frase-chave e referências intertextuais no sentido mais estrito. Tomam-se como exemplo citações de livros conhecidos, discursos políticos, expressões religiosas, etc.

Os nomes próprios não são categorizados exaustivamente. Eles podem remeter a: personagens históricos, políticos ou artistas; personagens ficcionais; lugares; nomes bíblicos e figuras míticas.

Segundo Nida e Taber (1969), as alusões são categorizadas em um grupo taxonômico no qual compartilha-se a mesma base em cinco grupos. São eles:

- i) material: fontes relativas a objetos do dia a dia (comida, bebida, jogos e unidades métricas);
- ii) ecológico: relacionado a lugares – geografia – flora, fauna, etc.
- iii) social: fontes relacionadas à organização social e suas manifestações nas artes, política, lazer, etc. Ex: Maquiavel, cubismo, Florbela Espanca;
- iv) religioso: fontes relacionadas a manifestações ritualísticas e ideológicas, por exemplo, cerimônias religiosas – casamentos, batizados e crisma, *bar mitzvah*;
- v) linguístico: entendido como os meios de expressar todos os itens acima, os quais se referem a atitudes, dicas de atitude conversacionais, idioma ou jargão.

Para Dore (2010) a função alusiva frequentemente envolve o leitor de alguma forma. As metáforas de esconde-esconde são estabelecidas e quebra-cabeças são utilizados para ilustrar a cooperação entre o autor e o leitor. O leitor que reconhece as palavras-chave, as modificações e seus efeitos devido ao contraste entre o contexto do texto evocado e o texto aludido se torna capaz de processar as alusões. O efeito pode ser de choque, diversão, leveza e descontração. Sendo assim, pode-se fazer com que alguns leitores fiquem mais próximos ou distantes do conteúdo do texto. Diferenças intersubjetivas tornam difícil a generalização, assim a comunidade da língua fonte/o polo receptor podem não ser homogêneos. Mas, quando se escolhe modificar a

estrutura, o autor talvez espere que pelo menos uma parte dos leitores sejam capazes de processar o texto. O significado comunicativo desse jogo pode variar em larga escala em alguns contextos, como por exemplo: jogos de palavras que trazem temas ou pessoas caracterizadas; temas superficiais em outros (*e.g.* humor doméstico ou bem regional).

Do ponto de vista do tradutor/jornalista é importante que as tramas alusivas sejam culturalmente pertinentes. O termo “cultura fonte” pode ser entendido de várias formas, por exemplo: uma língua/cultura denotando homogeneidade em relação a um grupo específico, ou algo mais amplo, como um contexto internacionalmente considerado de forma específica. Culturas multilíngues, como, por exemplo, as da Europa Ocidental, que possuem heranças dos padrões considerados “clássicos”, voltados historicamente às tradições cristãs, podem constituir um grupo a ser considerado de forma mais ampla. Mesmo entre os falantes de uma mesma língua pode haver comunidades linguísticas específicas. Um jogo alusivo naturalmente pode fazer sentido para alguns indivíduos e ser ininteligível para outros.

O próximo capítulo dedica-se aos procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa, com descrição das etapas efetuadas para verificar como o telejornalismo brasileiro e o francês constroem um compêndio cultural que vem ao encontro das expectativas de seus telespectadores.

### 3 METODOLOGIA

Em todo processo de tradução há elementos cuja interpretação e consequente representação em outro código impõem não somente decisões, mas também conhecimentos a respeito das características e configurações que circunscrevem determinados objetos e situações. Sem esses conhecimentos, o tratamento concedido à transposição de informações poderá variar em relação a seu grau de adequação ao polo de chegada. A questão, naturalmente, está longe de ser elementar. Cada decisão pode derivar para um foco tradutológico específico e demandar a ativação de todo um aparato teórico e crítico específico.

Nesse sentido, a metodologia apresentada na sequência propõe a verificação de como os dois polos culturais aqui considerados expressam suas realidades: através de aspectos culturais, de fato sutilmente distintos, observados nesta investigação à ótica dos postulados da teoria funcionalista, aplicada à tradução como representação cultural e, como já anunciado, com apoio em trabalhos sobre alusão.

Na sequência é apresentada uma breve descrição do evento analisado nesta pesquisa.

#### **Casamento real: Príncipe William e Catherine Middleton**

No dia 29 de abril de 2011 o futuro rei da Inglaterra, príncipe William casou-se com a dita “plebeia” Catherine Middleton, na Abadia de Westminster, em Londres. Acredita-se que esse casamento será o mais importante do século XXI do ponto de vista midiático. Do ponto de vista crítico, parece tratar-se de tentativa de reprodução e criação de uma espécie de “conto de fadas moderno”. Estatísticas veiculadas na mídia apontam que um grande contingente de espectadores voltou seus olhares para esse evento. Numerosas equipes de fotógrafos, jornalistas, curiosos, críticos, estilistas, chefes de Estado, entre outros, se dirigiram a Londres para participar da referida cerimônia. A própria imprensa estimou que o evento teria sido acompanhado por mais de 2 bilhões de espectadores.

Como mencionado, esse trabalho está inserido na interface entre os estudos da tradução e o jornalismo. A metodologia utilizada teve sua inspiração nos trabalhos apresentados na tese de doutorado de Zipser (2002), a qual sugere que o texto jornalístico se funda em representações culturais de fatos noticiosos. No cerne da investigação, além dos apontamentos de Zipser, adotam-se as premissas de Nord (1991), que se aplicam também ao *corpus* dessa pesquisa por se aceitar que todo texto

tem uma função e que essa função se baseia fundamentalmente nas configurações culturais de seu público leitor. De forma complementar, evocam-se os postulados teóricos de Esser (1998), que contribui para uma melhor delimitação em relação às etapas que envolvem a produção e a análise do texto jornalístico. Finalmente, consideram-se os apontamentos de Leppihalme (1996), que categoriza o recurso da alusão presente nos textos, evidenciando sua importância enquanto fenômeno intertextual indispensável, sobretudo às modulações inerentes à abordagem do texto desta natureza.

Esta investigação recai, no entanto, sobre o material telejornalístico, matéria aparentemente ainda pouco explorada no âmbito dos estudos da tradução. Trata-se, justamente, de uma pesquisa pioneira e para a qual a literatura da área ainda possui lacunas. Logo, buscou-se considerar que ambas as matérias foram elaboradas em vista das necessidades de representação cultural próprias ao fazer jornalístico, centrando-se sobre traços julgados prototípicos de cada um dos dois polos em questão: França e Brasil.

Vale ressaltar que, evidentemente, contemplam-se tão somente alguns aspectos dos modelos teóricos citados acima, ou seja, aqueles pertinentes à pesquisa. Em relação às premissas de Nord, por exemplo, trabalha-se com os seguintes itens de sua tabela:

- Emissor,
- Receptor,
- Pressuposição,
- Conteúdo.

Na categorização de alusões, propostas por Leppihalme (1996) e Niknasab (2011), utilizam-se as seguintes categorias:

- Antônimas,
- Parônimas,
- Religioso,
- Histórico.

Destaca-se que a presente pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que busca discutir dialeticamente os textos em questão, ou seja, fatos culturais referentes à divulgação do *mais recente casamento na corte inglesa* pela mídia, buscando interpretar os dados destacados no *corpus* a partir do contexto social cultural no qual eles se desenvolvem.

Segundo Silva (2005, p. 21),

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Para as análises, foram selecionadas duas reportagens passíveis de serem colocadas em paralelo em razão dos seguintes pontos:

- Tema,
- Data de divulgação,
- Meio de veiculação.

O *casamento na corte inglesa* foi destacado em razão de sua ampla repercussão em âmbito internacional. Todavia, antecipando-se a eventuais críticas valorativas em relação ao acontecimento apontado, observa-se que no âmbito do telejornalismo, eventos dessa natureza implicam não somente aplicação e captação de grandes volumes financeiros, como também mobilizam milhões de indivíduos, servindo de espaço privilegiado e instrumento de propaganda cultural e política. Logo, supõe-se que eventuais críticas valorativas não seriam capazes de reduzir nem a propagação nem a importância concedida ao fato. Na mesma medida, os fatores histórico-culturais que emergem nas duas principais linguagens estéticas implicadas, ou seja, texto verbal e texto não verbal (imagem) carregam, em sua essência, os processos de registros culturais presentes no que Nord (1991) chama de *textos autênticos*, sejam eles relatos ligados a referentes políticos, literários ou cerimoniais, como é o caso do *corpus* destacado para o estudo.

Eis, abaixo, a ficha técnica referente às duas emissões televisivas:

Quadro 1: Informações técnicas sobre as reportagens do *corpus*.

Evento: Le Mariage Royal	Evento: O Casamento Real
Tempo: 5min 16s	Tempo: 3min 53s
Emissora: TF1	Emissora: Rede Globo
Horário: 20 horas – horário de Paris	Horário: 20 horas – horário de Brasília
Nome do Programa: Journal de 20 Heures	Nome do Programa: Jornal Nacional

A reportagem francesa foi extraída do canal de televisão TF1, *Télévision Française 1*, veiculada em 29 de abril de 2011, na emissão das 20 horas, horário local de Paris. O acesso à reportagem deu-se a partir de hipermissão. O *site* da própria emissora<sup>5</sup> permitiu baixar esse vídeo.

Para a matéria francesa dispensou-se vasta atenção no processo de tradução e legendação do material, uma vez que, inicialmente, se supunha que nem todos os leitores desta pesquisa seriam proficientes em língua francesa e que esse material poderia ser exposto. Para executar a tarefa de tradução e de legendação foi empregado o *Subtitle Workshop*, *software* específico para esse tipo de trabalho.

A reportagem brasileira foi extraída da Rede Globo de Televisão, veiculada em 29 de abril de 2011, na emissão das 20 horas, em relação ao horário de Brasília. O acesso à reportagem também se deu a partir de hipermissão, no *site* da própria emissora<sup>6</sup>, que autoriza que o material seja copiado livremente. De modo semelhante, foi realizado o processo de transcrição ortográfica. Abaixo foram reproduzidos, à título de ilustração, os logos das respectivas emissoras: Globo e TF1.

Figura 2: Logomarca rede globo de televisão e télévision française 1



<sup>5</sup> Disponível em : < [www.tf1.fr](http://www.tf1.fr) >. Acesso em : 30 ago. 2011.

<sup>6</sup> Disponível em : <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1497328-7823-CHEGADA+DA+FAMILIA+REAL+A+ABADIA+DE+WESTMINSTER+FOI+ACOMPANHADA+POR+MILHARES+DE+PESSOAS,00.html>. Acesso em: 30 ago. 2011.

A Rede Globo, emissora brasileira, foi fundada em 26 de abril de 1965, na cidade do Rio de Janeiro, pelo jornalista Roberto Marinho. É atualmente acessada por uma média de 140 milhões de pessoas diariamente. Mantém o recorde de terceira maior empresa de comunicação mundial.

O Jornal Nacional foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969. Foi o primeiro programa gerado no Rio de Janeiro em rede nacional. Seu nome deriva do seu primeiro patrocinador, o Banco Nacional. Líder de audiência, este jornal televisivo registra diariamente a média de 40% de audiência.

TF1, Télévision Française 1, é um canal da TV Nacional Francesa, controlada pelo Grupo TF1. A emissora conta, na presente data, com uma média de 25-35% da audiência, o que a torna a rede mais popular do universo francófono. Trata-se do maior canal de televisão europeu em termos de público.

### 3.1 ETAPAS DA EXECUÇÃO DA PESQUISA

- 1) Foram selecionadas duas reportagens sobre o mesmo evento;
- 2) Verificou-se que as reportagens abordavam o mesmo assunto, ou seja, o casamento real da corte inglesa;
- 3) Baixaram-se da internet as duas reportagens passíveis de serem postas em paralelo, com vistas às análises pretendidas;
- 4) Transcreveram-se ortograficamente, nas duas línguas, as duas reportagens: em francês e português, realizando também a tradução do texto estrangeiro (em francês).
- 5) Legendou-se a reportagem francesa em português, pois futuramente pretende-se dar continuidade à pesquisa para além da presente abordagem, o que implicará também a legendagem da reportagem brasileira para o francês;
- 6) Selecionaram-se trechos cujas marcas culturais pareceram passíveis de destaque, relativamente a cada uma das duas culturas confrontadas;
- 7) Analisaram-se os excertos destacados à luz de, e nos encontros entre quatro teorias, a saber: 1) funcionalista, para a análise textual; 2) representação cultural, para traços singulares; 3) processos alusivos, em relação à definição de recursos lingüístico-discursivos e 4) postulados de Esser para ancorar o componente telejornalístico.

O capítulo seguinte analisa os dados e discute-os com base nos elementos teóricos apresentados.



## 4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram examinados três exemplos do texto em português, dois do texto em francês e um comum aos dois textos. Por quais razões?

Na verdade, o texto em português pareceu estar mais carregado de fórmulas alusivas. Uma detecção preliminar permitiu destacar 40 recursos alusivos. O texto em francês, talvez em razão de seu ambiente cultural, pareceu mais asseptizado neste sentido. Talvez em razão da característica pragmática do jornalismo francês, ou seja, a tendência em ancorar os discursos de forma lógica e referencial, em consonância com as orientações e tendências culturais francesas. Nesse sentido, parece que as heranças de Descartes (Séc. XVII) se fazem sentir. Contrariamente, o discurso da Globo parece visar um público mais geral e popularizado.

Com o objetivo de investigar eventuais marcas culturais presentes nos textos jornalísticos veiculados na França e no Brasil de forma paralela, propõem-se as duas referidas reportagens telejornalísticas redigida a partir de um mesmo acontecimento: *o casamento da corte inglesa*. A escolha da Rede Globo de televisão e TF1, se deve ao fato de que ambas as emissoras são as de maior alcance no seus segmentos em termos de público, no Brasil e na França respectivamente. Outrossim, buscou-se estabelecer paralelismo pelo fato de as duas reportagens terem sido levadas ao ar no dia, 29 de abril de 2011, ambas no jornal das 20 horas, naturalmente, cada qual em seu país de origem.

O fazer jornalístico de cada país está, evidentemente, moldado de forma a atender a demandas de seu público. A partir de tais orientações, parece se possível delinear características do público ao qual a notícia se destina, bem como o contexto no qual se inserem os jornalistas e os meios para os quais trabalham. Os direcionamentos concedidos ao fato nos permite identificar marcas culturais presentes nas duas reportagens e perceber partes do entorno cultural do público receptor. Logo, acredita-se ser possível identificar o peso do espectador no processo de elaboração das reportagens.

Os dois textos serão analisados a partir do filtro cultural brasileiro. As discussões poderão estar sujeitas a interferências de uma visão habituada ao contexto do jornalismo brasileiro. Sendo assim, acredita-se que mesmo que se busque o máximo de imparcialidade, assume-se a possibilidade de eventuais interferências do olhar do pesquisador culturalmente construído de antemão.

Parte-se do princípio que *língua* e *cultura* são elementos indissociáveis. Sob essa ótica, a cultura manifesta-se, entre outros,

através do uso da língua e vice-versa. O jornalismo tem como matéria prima principal a língua(gem). Nos elementos que compõem o texto jornalístico, observando pelo viés cultural, pode-se perceber características do público receptor. No caso desta pesquisa propõe-se verificar marcas culturais expressas nos textos em forma de alusão.

Pretende-se identificar o contexto cultural em que estão situados o jornalista/tradutor/repórter e o telespectador, e a partir dessa definição, verificar como determinadas alusões são passíveis de representar culturalmente suas configurações culturais. As reportagens e as telerreportagens parecem ser culturalmente confeccionadas através dessa perspectiva. Percebe-se, então, que o enfoque atribuído a um mesmo fato, observado a partir de pontos de vista diferentes – leia-se em culturas diferentes – geralmente também é distinto. Nesse sentido, o panorama cultural do telespectador/leitor valida a importância de considerar a cultura à qual o texto se destina.

Para Oliveira (1999), o texto jornalístico está situado nos processos dialéticos do sistema sociopolítico-cultural, ultrapassando uma multiplicidade de fatores que perpassam as fronteiras da linguagem. O texto jornalístico, incluindo o telejornalismo, emerge das configurações ideológicas que assinalam a história dos homens ao longo dos tempos. Assim, essa tipologia textual, ou seja, o telejornalismo, está alicerçado na relação de dependência entre aqueles que fazem a notícia e aqueles que assistem à notícia.

Através do discurso jornalístico projetam-se anseios, expectativas e aspirações do auditório que receberá as informações elaboradas. No *casamento na corte inglesa*, transmitido pela TV Globo, parece evidente uma suposta tentativa de reproduzir cenas dos contos de fadas, ou seja, traços que marcam as suposições de uma união perfeita com final feliz. Possivelmente uma resposta àquilo que se supunha esperado por grande parte do público projetado. Já na reportagem da TFI parece evidente uma descrição dos acontecimentos com certos tons de ironia sobre a cultura inglesa.

Vale lembrar, ainda que a comunicação – o texto jornalístico – é um meio de comunicação, à luz desse imbricamento, cumpre o papel enunciativo de manifestar anseios, expectativas e aspirações dos sujeitos de uma comunidade nos mais amplos domínios, razão por que a linguagem traduz os assujeitamentos que deixam entrever o conjunto de constantes e coerções preexistentes a qualquer

ato efetivo de produção de significação. (OLIVEIRA, 1999, p. 95).

Na sequencia analisam-se as duas reportagens com o intuito de verificar os panoramas culturais do público receptor e a sua influência sobre a confecção das reportagens. Escolhemos alguns elementos relevantes da tabela proposta por Nord, são eles: emissor, receptor, pressuposição, conteúdo, bem como elementos do modelo pluriestratificado e integrado proposto por Esser (1998) e algumas premissas referentes ao fenômeno da alusão.

#### 4.1 EXEMPLOS E ANÁLISES NA REPORTAGEM BRASILEIRA

Eis o primeiro excerto referente ao material veiculado na mídia brasileira:

Eg:1

*O sim da noiva que ecoou pelos cartões-postais de Londres como um grito de gol. Hyde Park e Palms Square, um país inteiro torcendo pelos noivos. Um certo clima de copa do mundo com vitória garantida. Uma imensa festa em vermelho branco e azul.* (JORNAL NACIONAL)

Quadro 2: Exemplo 1

Emissor	Rede Globo de televisão Jornal Nacional
Receptor	Telespectadores do Jornal Nacional
Pressuposição	Busca aproximar o leitor da efusão que envolve o <i>sim</i> da noiva ouvido nos mais diversos pontos de Londres.
Conteúdo	Consagração do casamento. Manifestação popular. Alusão a pontos turísticos de Londres.
Modelo Pluriestratificado Integrado	Esfera Social- Moldura histórico-cultural
Tipo de alusão	Parônima

De modo concreto, pouca relação há, aparentemente, entre o casamento da corte e um jogo de futebol. Todavia, uma breve reconstrução do universo que envolve as duas situações permite identificar pontos situados na intersecção entre os dois eventos. Em ambos há um grande público atento aos pontos altos dos eventos. No futebol, o gol representa o ápice do espetáculo e motivo de sua louvação. No casamento, o silêncio foi quebrado pelo “sim” dos noivos que, por sua vez, também marcou o ápice do evento, tornando-se o ativador de sua celebração, em razão das consequências que acarreta. As correlações metafóricas do relato permitem clarificar e ampliar a força dos conceitos empregados para descrever a cena.

Culturalmente, a cerimônia de casamento tem seu ponto mais alto no instante em que a noiva aceita, do ponto de vista religioso, a união que lhe é proposta. Pode-se supor que, por sua recorrência, tal momento possa ter sua importância banalizada e, por tal razão, tenha que receber traços que permitam acentuar sua ressonância política. Ao relacionar o *sim da noiva* ao coral de vozes que soam juntamente com um *grito de “gol”*, se estabelece uma relação metafórica que alude a algo aparentemente familiar ao público que assiste a rede de televisão brasileira em questão. Busca-se induzir no espectador que o modesto “sim”, pronunciado pela noiva em tom de fala normal, se ampliou naquele instante em milhões de vozes em todo o mundo, supostamente festejando o evento.

As alusões podem representar tanto um aspecto concentrado, permitindo observar em ângulo circunscrito determinado fenômeno, quanto um corpo teórico mais amplo que permita destacar dados de uma determinada cultura. Nesse sentido, pode-se perguntar se a relação entre o “*sim*” da noiva e um *grito de “gol”* soaria bem em um texto veiculado pela rede francesa, para público francês?

Alusão e conhecimento prévio de suas referências são pontos atrelados. De fato, a alusão constitui um recurso intertextual passível de ser empregado como recurso para dizeres indiretos, ou mesmo para realizar intermediações que permitam compartilhamento e compreensão mútua de aspectos da diversidade cultural. No caso do casamento, a alusão feita ao grito de “gol” encontra reverberação em uma cultura que, de forma geral, parece compartilhar conhecimentos futebolísticos. Supõe-se que o público brasileiro possa atribuir sentido a um grito de “gol”, por exemplo, em final de grandes campeonatos. Trata-se de uma efusão de vibrações emotivas já cristalizadas na prática social de grande parte dos brasileiros. Essa alusão parece tentar aproximar o público

receptor da suposta emoção que o casamento real teria gerado na população londrina que apreciou o evento.

Assim, pode-se supor que o jornalista, mesmo que tenha improvisado tal relação, buscou expor os fatos não somente através da língua, mas também através de referências culturalmente familiares aos espectadores. De fato, o jornalista, enquanto intérprete e tradutor acumula funções afins, considerando que cada uma das referidas habilidades implica intermediação cultural e política. No foco das três atividades situa-se o público visado, considerado por seus traços culturais de forma geral. A partir do exame da cultura de chegada, o jornalista, em seu papel de intérprete e tradutor, busca recursos para o exercício do seu trabalho em consonância com as restrições políticas que o envolvem. Sendo assim, pode-se cogitar que o jornalista produz reportagens buscando domesticar o texto fonte com base em orientações que remetem à cultura local. A alusão ao futebol, no relato do ápice do casamento na corte inglesa explicita a representação cultural da fonte, porém adaptada ao alvo. Tal asserção salta aos olhos, ou seja, o jornalista efetivamente aproxima a cultura de chegada do evento e vice-versa.

Para Esser (1998), o jornalismo constitui um sistema parcial de atuação social que influencia mutuamente todas as partes envolvidas, jornalista, editor e público receptor, atuando diretamente sobre os conceitos de realidade. Tal noção encontra respaldo na cultura que influencia e interfere no fazer jornalístico voltado a cada país. As interferências se revelam em diversos graus, estendendo-se desde aspectos pouco perceptíveis, ou seja, aqueles já considerados normais pelo grande público, até as informações novas. Por consequência, o jornalismo tanto age ativamente sobre as realidades já embutidas na cultura como amplia os horizontes dos espectadores. De forma retroativa, o jornalismo é também influenciado pelas reações que provoca em seus receptores. No presente exemplo, isto é, na alusão ao futebol para destacar a força da reverberação do *sim da noiva*, evidencia-se que singularidades culturais podem interferir no fazer jornalístico, uma vez que a frase de aceitação da união pode ser interpretada de formas diversas.

A tentativa de aproximação entre o “*sim*” da noiva e o grito de “*gol*” encontra lugar na quarta camada do modelo de Esser (1998), ou seja, na esfera social. Na cultura brasileira percebe-se um lugar de destaque para o futebol que já no início do século XX tinha se tornado o esporte preferido dos brasileiros, tendo levado inclusive o país à condição de “o mais premiado no campeonato mundial”. Isso revela a

importância desse esporte como aspecto inerente da cultura brasileira da última metade de século. A partir de 1938 o futebol, que era prioritariamente praticado por brancos de classe privilegiada, começou a agregar jogadores de outras classes sociais, bem como de outras etnias (PEREIRA, 2000), passando a ser compartilhado por parcela importante da população.

A ascendência de um novo esporte, adaptado às características locais indica um hibridismo que conduziu a sua fixação como um dos traços culturais brasileiros, apesar de sua origem inglesa. A predileção pelo futebol progressivamente se cristalizou, apontando para um esporte considerado democrático, uma vez que é praticado de forma ampla. Esse breve relato permite considerar que o futebol se tornou, em termos genéricos, uma paixão nacional. Tais ponderações parecem justificar o emprego da relação metafórica entre o *sim da noiva* e o imaginado *grito* que ecoou pelos *cartões-postais de Londres*, ou seja, por todos os pontos conhecidos daquela cidade, visto que foram repetidos pela mídia durante todos os dias que precederam o evento. Parece ser possível também afirmar que a alusão ao futebol foi destinada ao grande público brasileiro, que sem grandes dificuldades encontra sentido na relação intertextual que lhe foi proposta, ou seja, na comparação da euforia que geralmente provoca um gol no futebol com as emoções supostamente experimentadas pelo grande público britânico naquele instante.

Contrariamente à França, país que não ofereceu destino clemente a seus reis e rainhas, como no caso de Maria Antonieta e Luís XVI, os ingleses parecem ainda manter certo grau de conservadorismo em relação à realeza. Por isso, ainda procuram manter um ar de *glamour* nas cerimônias que envolvem a família real. Se as referências dos franceses a tais assuntos parece revelar certo tom de ironia em relação ao que talvez considerem um anacronismo político; no caso do Brasil, parece pairar uma admiração por temas que envolvam grandes festejos, importando pouco as relações históricas subjacentes ao fato.

*E.g. 2:*

*Depois do cortejo a animação brasileira se juntou à organização dos britânicos - um rio formado por um milhão de pessoas seguiu caminhando ao palácio de Buckingham para ver o beijo, sem pressa, sem tumulto e essa foi apenas uma pequena amostra da festa que se espalhou para todo o reino.*

Quadro 3: Exemplo 2

Emissor	Rede Globo de televisão. Jornal Nacional
Receptor	Telespectadores do Jornal Nacional
Pressuposição	Que o povo britânico se caracteriza pela organização e pontualidade. Que o povo brasileiro é alegre e festivo.
Conteúdo	Consagração do casamento; Manifestação popular; Organização.
Modelo Integrado	Pluriestratificado Esfera Social – Moldura histórico-cultural
Tipo de alusão	Histórico/Antônímica

De acordo com a teoria proposta por Nord (1991), ao observar a cultura do Outro acabamos por centrar nosso prisma em nossa própria cultura. No excerto da reportagem, acima reproduzido, cabe considerar essa afirmação da autora. Para o público brasileiro, talvez possa gerar estranheza o fato de uma multidão de mais de um milhão de pessoas caminhar sem pressa e sem tumultos. Os estereótipos que progressivamente se criaram em relação à condição social brasileira apontam para dificuldades em se manter a ordem e urbanidade quando há grandes conglomerados de pessoas reunidas. Nos grandes eventos realizados no Brasil parece ter se tornado comum que as manifestações se revistam de caráter mais passional, desembocando em conflitos de várias ordens. Assim, nesse exemplo, pode-se perceber uma relação de antagonismo cultural, manifestado através do comentário do jornalista,

que atenta para o fato de que embora se trate de uma multidão reunida, todos se comportam de forma pacífica e ordeira.

De forma abrangente, o telejornalismo parece ser influenciado pela cultura inerente à própria língua e constituição social, da mesma forma que as informações que propaga influenciam comportamentos. De fato, trata-se de algo comparável a um sistema de reciprocidades e que, de certa forma, se retroalimenta. O processo de construção de uma reportagem telejornalística naturalmente implica escolhas, cortes, montagens, utilização da imagem como objetivo de criar narrativas de caráter interativo, direcionadas ao público receptor em toda a sua composição e medida. Essa interação se configura na identificação entre o público receptor e o fato acontecido, alicerçada no panorama cultural de cada país.

No excerto em questão, extraído da reportagem citada, destaca-se uma alusão. De fato, trata-se de remissões a referentes externos provavelmente selecionados para serem compartilhados com leitores capazes de interpretá-los e, eventualmente, de relacioná-los com os conteúdos da matéria. No Brasil, encontram-se relatos frequentes de eventos envolvendo grande quantidade de pessoas que culminam em situações de conflitos. A referência à dualidade entre a organização britânica e a alegria brasileira marcada por atritos, direciona o “olhar” do telespectador brasileiro para a sua própria cultura em comparação com a cultura inglesa. Estabelecendo esse paralelo cultural, nota-se um deslocamento de enfoque que privilegia e vem ao encontro das expectativas do telespectador brasileiro, visto que o mesmo se identifica com a suposta animação brasileira e se sente representado em um evento de grande notoriedade, atentando para o fato de que na Europa os riscos de violência seriam menores.

Percebe-se a utilização do recurso alusivo categorizado como *alusão antonímica*. De fato, no referido exemplo, há posicionamentos atualizados por referências a componentes culturais distintos, embasados no contexto histórico social de cada um dos dois contextos culturais confrontados. Esse oposto semântico pode ser percebido como uma estratégia utilizada pelo jornalista/tradutor para aproximar o seu público das especificidades do evento difundido sem, no entanto, deixar de ancorar o espectador em seus referenciais de base.

Sob uma ótica teórica similar à de Nord (1991), Pontual (2005) destaca que o olhar brasileiro no jornalismo é constituído a partir de elementos como a posição geográfica, a língua, a história brasileira, pontos que definem a cultura que nos especifica e nos diferencia dos demais povos. Essas categorias determinam tanto a construção da

comunicação, quanto sua apreensão. O dito “olhar brasileiro” sobre a cultura do Outro indica que algumas diferenças são percebidas através de filtros culturais que, por vezes, direcionam os olhares para a própria cultura. O exemplo em questão destaca os estereótipos a respeito da *maneira alegre e contagiante* que o imaginário brasileiro atribui a si, sobretudo na comemoração de eventos. O imaginário sobre a *alegria brasileira* parece se reproduzir nos textos da emissão examinada.

*E.g.* 3:

*Mas se o assunto é torcer, os britânicos precisam pedir ajuda de quem é especialista (gritos do povo). Eles conseguiram lugar na primeira fila, sofreram para ver a rainha dos outros com a nossa infinita alegria.*

*Sonora/Entrevista*

*Angela Yojo: estamos unidos aqui, sentadinhos, passando frio, calor, fome, no chão.*

Quadro 4: exemplo 3

Emissor	Rede Globo de televisão/ Jornal Nacional
Receptor	Telespectadores do Jornal Nacional
Pressuposição	Que o povo brasileiro seja alegre e festeiro.
Conteúdo	A alegria do público brasileiro que foi assistir ao casamento real em Londres.
Modelo Integrado	Pluriestratificado Esfera Social – Moldura histórico-cultural
Tipo de alusão	Histórico/Antônima

No telejornalismo brasileiro, a presença física do repórter diante das câmeras durante a construção de uma reportagem constitui prática que parece ter se tornado típica. Esse posicionamento do repórter, diante do espectador, visa promover efeitos de credibilidade e veracidade em relação ao fato apresentado. Tal procedimento, talvez sustentado pela metafísica da presença, busca reafirmar que os representantes do veículo de imprensa estavam no local do fato. Por seu envolvimento físico com

os fatos narrados, supõe-se que o repórter não relata senão verdades para seus espectadores. “A objetividade no jornalismo não é a negação da subjetividade, mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não interessada” (TRAQUINA, 2005, p. 139).

Percebe-se forte tendência à domesticação da interpretação do fato ao tentar aproximar a cultura brasileira de algo que ocorreu em outro país, envolvendo outra cultura bastante distinta da brasileira, sobretudo em razão de traços históricos, sociológicos e antropológicos que envolvem a cerimônia de casamento que conserva traços de um modelo de outrora, leia-se de origem monárquica e de cunho mais alegórico e político que a união matrimonial. O jornalista tradutor parece ter visado aproximar o fato do público receptor e não exatamente descrever o fato para o público buscando imparcialidade. Vermer (1986), um dos precursores do funcionalismo, defende a ideia de que o tradutor – no caso em questão, o jornalista – também deve refletir a cultura de chegada em seus textos. Foi exatamente o que parece ter sido feito pelos editores da Rede Globo de Televisão, isto é, percebe-se uma clara tentativa de ancorar o *casamento real britânico* em atrativos que se crê esperados pelos telespectadores brasileiros, de forma tautológica: seus espectadores.

No trecho da reportagem acima transcrito, destaca-se o que poderia ser comparado ao processo de carnavalização mencionado por Oswald de Andrade. Desde a Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, as discussões sobre os efeitos de carnavalização ganharam espaço nas diversas áreas da comunicação: música, teatro, literatura, jornalismo, entre outros. Trata-se de retratar antônimos do tipo: ricos e pobre, altos e baixos, felizes e tristes, buscando produzir efeitos de humor (riso, alegria). Segundo Miranda (1997), no movimento antropofágico presente na obra de Oswald de Andrade, ocorrido no interior do modernismo dos anos 1920, mais do que presença marcante, a carnavalização é assumida e radicalizada como postura consciente e norteadora de uma proposta estética. Na reportagem brasileira, em muitos momentos percebemos essa influência, que é entendida como uma das maneiras de aproximar o fato do telespectador final.

A reportagem parece procurar retratar também o avesso, ou seja, cenas que se oponham à pompa e às circunstâncias ostentatórias apresentadas seja nos preparativos que envolvem o evento, seja na cerimônia montada para o casamento real inglês. O foco da matéria parece não ser somente o casamento, mas sim a presença da cultura alvo no evento, ou seja, o elo que liga e aproxima os espectadores e o fato. A

reportagem foca pessoas simples, brasileiros que viajaram ao país estrangeiro para contemplar o evento. Destaca pessoas fantasiadas de reis e de rainhas. Fantasias que remetem às antigas festas que os ditos *plebeus* realizavam no passado para comemorar o casamento do futuro rei.

Para Miranda (1997), o caráter constitutivo mais presente na carnavalização, com maior ênfase para a identidade cultural brasileira, refere-se ao mundo das transgressões e das inversões. Tal processo solidifica uma visão de mundo e de vida, “um universo às avessas”, o culto aos extremos, a inversão de hierarquias, de papéis, de regras, de valores, entre outros.

A reportagem brasileira, apresentada no jornal nacional propõe imagens que levam à imaginação de um ritmo festivo. As cenas destacam festas paralelas que acontecem nas periferias do *reino*. A atenção às manifestações populares para comemorar o casamento da realeza britânica funciona como uma espécie de oposição induzida entre dois polos distintos. O tom de carnavalização parece, pois, realmente marcar a estrutura dessa reportagem.

No processo de carnavalização atribuído ao exemplo acima, o uso dos antônimos, por exemplo, pode ser considerado dentro das categorias de alusão propostas por Leppihalme (1996). A antonímia preconiza a utilização de sentidos opostos, ou seja, as ostentações do casamento real, o palácio de Buckingham, confrontadas com a simplicidade das festas populares.

Em paralelo, as ideias de Esser (1998), aplicadas ao exemplo supracitado, oferecem elementos que determinam sua identificação com o contexto no qual ele está inserido. Dessa forma, o telejornalismo brasileiro apresentaria uma dinâmica própria, que leva a considerar as interseções entre as várias esferas propostas por Esser (1998) em seu modelo pluriestratificado integrado. O excerto acima citado poderia ser atrelado à esfera social – moldura histórico-cultural.

Naturalmente, o jornalismo tem suas bases definidas paralelamente aos desenvolvimentos históricos e culturais da cada nação. Sendo assim, no caso do excerto em questão, encontra-se o fator histórico cultural determinante: a operação representativa que supõe o processo de carnavalização. Por sua vez, esse tipo de resignificação, aplicado na construção da referida reportagem, emerge 90 anos depois da Semana de Arte Moderna. Entende-se que esse evento histórico artístico-literário influencia diretamente o fazer jornalístico, sobretudo em razão do caráter polifônico e intertextual do discurso de forma geral que se ergue sobre reflexões do passado.

Na sequência analisam-se três excertos referentes ao contexto cultural francês.

#### 4.2. EXEMPLOS E ANÁLISES NA REPORTAGEM FRANCESA

Propôs-se, nos parágrafos acima, o exame de três excertos. Na sequência, são examinados dois excertos extraídos da reportagem em língua francesa. A diferença no número de exemplos se deve ao fato de que o texto em português apresenta maior saliência e maior frequência em termos de efeitos alusivos.

E.g. 1:

*Le premier ministre David Cameron et son épouse qui ose le nu- tête.*<sup>7</sup>

“O primeiro Ministro David Cameron e sua esposa, que ousou comparecer sem chapéu.” (Tradução nossa).

Quadro 5: exemplo 1 – francês

Emissor	Télévision Française 1/ Journal <u>de</u> 20 heures	
Receptor	Telespectadores do Journal <u>de</u> 20 heures	
Pressuposição	A primeira dama quebrou um protocolo de elegância para convidadas de um casamento real.	
Conteúdo	Moda; quebra de protocolo da primeira dama.	
Modelo Integrado	Pluriestratificado	Esfera Social – Moldura histórico-cultural
Tipo de alusão	Histórico	

Os textos telejornalísticos são instrumentos de comunicação, fazendo parte integrante dos contextos comunicativos. Além dos elementos verbais e não verbais, no processo de divulgação de fatos, o comunicador/interlocutor – no caso desta pesquisa, o jornalista, peça fundamental neste processo – traz consigo suas experiências e

<sup>7</sup> As traduções foram realizadas pela autora e submetidas à revisão do Coorientador Ronaldo Lima, professor do Departamento de Francês da UFSC.

expectativas culturalmente marcadas, além de hábitos, comportamentos, o olhares pessoais sobre o mundo, sistemas de valores, idiossincrasias, etc. Outrossim, está geralmente sujeito às políticas que o regem em termos de enquadramento funcional.

A prática social da utilização do chapéu só é significada e resignificada a partir de um emissor que compartilha desse conhecimento. A noção se atualiza a partir do momento que o seu receptor/telespectador identifica sua representação por meio de uma ou mais linguagens e lhe atribui sentido. No caso em questão, a prática social da utilização do chapéu pode eventualmente ser tomada como marcador de distinção social ou profissional. Por exemplo, chapéus específicos destinados a pessoas que ocupam determinadas atividades: integrantes de forças policiais, eclesiásticas, entre outros. Além de tratar-se de um ornamento para caracterizar determinadas categorias, o chapéu tem a função de indicar hierarquias, condição social e também origem.

No período da idade média, entre os séculos V a XV, as mulheres eram obrigadas a cobrir seus cabelos por imposições religiosas. Essa cobertura era feita com uma peça de linho que cobria a cabeça caindo pelos ombros. O véu, peça tradicional na vestimenta das noivas teve sua origem no ocidente a partir dessa época.

A questão do chapéu nos países como França e Inglaterra está muito longe de ser elementar. Rivais em muitas batalhas históricas, esses dois países travaram muitos duelos em busca do poder econômico na Europa. Inclusive, uma das batalhas afetou a produção dos chapéus Entre 1700 e 1721. Inglaterra e França disputavam o mercado externo para seus produtos derivados de algodão, lã, linho e cânhamo. Os produtores de chapéus franceses eram proibidos de comprar matéria-prima vinda das colônias Inglesas.

Na Inglaterra, no início do século XIX, após a Revolução Industrial, os chapéus não eram privilégio apenas dos ricos. A maioria dos cidadãos ingleses incorporou nos seus trajes adereços na cabeça, diferentemente do que acontecia na França, onde a utilização dos chapéus era restrita aos nobres.

A referência feita à utilização do chapéu e às convenções decorrentes foi provavelmente escolhida para ser compartilhada com o público telespectador. Trata-se de uma alusão *histórica*. Quando o jornalista/tradutor escolhe comunicar-se com o seu público fazendo alusão a esse adorno, através da referida escolha lexical, ele pressupõe o conhecimento histórico-cultural referente à utilização do chapéu em situações de cerimônias. Espera que seu receptor seja capaz de

estabelecer relações pertinentes segundo as expectativas subjacentes à sua enunciação. Todavia, os valores relativos a vestimentas dessa ordem estão longe de serem elementares.

Com base na categorização das alusões, apresentada nesse trabalho, acredita-se que a categoria *histórica* é a classe que melhor se adapta à categorização almejada. No entanto, é possível propor a partir da categoria *histórica* uma subcategoria, qual seja: a *história do comportamento* e a *história da moda*. Nos estudos sobre alusão, parece ainda haver poucos trabalhos científicos dedicados ao tema. Dessa forma, as categorizações são ainda muito amplas. O hiperônimo *histórico* pode ser subcategorizado, hiponimicamente, de forma a contemplar necessidades locais, como estas que emergem nesse escopo, acima propostas.

O jornalista (emissor) talvez considerando o seu telespectador (leitor) parece julgar que os elementos culturais linguisticamente aludidos são de conhecimento comum do seu público receptor. A construção da reportagem e as escolhas feitas pelo profissional de comunicação foram determinadas por aquilo que ele parece considerar relevante para seu público receptor. A reportagem desenvolve-se em torno de um texto (reportagem) que reflete parte do contexto cultural local – incluindo conhecimentos específicos – que o jornalista busca compartilhar com o público visado.

[...] o emissor seleciona as informações que julga ser de interesse ou novas para o receptor, e estas formarão o conteúdo do texto que ele irá produzir. Ao formular sua mensagem, o emissor deve levar em conta aquilo que considera ser de conhecimento geral do receptor. (NORD apud AIO, 2011, p.54).

Talvez um telespectador europeu consiga, mais facilmente, atribuir sentido à alusão lançada em relação ao caso da não utilização do chapéu no texto em questão. Constata-se certa tentativa de aproximação de conhecimentos entre aquele que produz a reportagem e aquele que a recebe. Não se pode ter certeza, todavia, que tal compartilhamento de sentido possa ser garantido, as atribuições decorrem através da capacidade de ancoragem do leitor do conhecimento veiculado à sua bagagem referencial. Tendo em vista o caráter histórico, que envolve a tradição do uso de chapéu em cerimônias de uniões religiosas, torna-se

indispensável dispor de informações sobre as condições que determinam seu uso.

Partindo do princípio que a tradução é um ato comunicativo na qual as partes envolvidas devem participar ativamente do processo de construção de sentido, pode-se dizer que tanto a produção do texto, enquanto representação cultural, quanto a sua leitura estabelece um processo dialético entre o profissional da comunicação e o seu telespectador.

*E.g. 2:*

*Et pendant que la foule parfois excentrique se masse à l'exterieur, les invités s'intallent. Défilé coloré, chapeau de rigueur pour les dames bien sûr, une touche d'extravagance toute britannique.*

“Enquanto a população, às vezes excêntrica, se agrupa fora da Abadia, os convidados se acomodam dentro. Um desfile colorido, chapéu obrigatório para as senhoras, um toque de extravagância tipicamente britânica.”(Tradução nossa).

Quadro 6: Exemplo 2 – francês

Emissor	Télévision Française 1/ Journal de 20 heures
Receptor	Telespectadores do Journal de 20 heures
Pressuposição	Que o povo britânico seja excêntrico extravagante.
Conteúdo	A chegada dos convidados na abadia de Westminster e a manifestação popular fora da Abadia.
Modelo Integrado	Pluriestratificado Esfera Social – Moldura histórico-cultural/ Esfera Subjetiva
Tipo de alusão	Histórica

Como já observado anteriormente, partindo do princípio que a alusão é um recurso linguístico que nos remete a um referente externo, só haverá construção de sentido a partir do compartilhamento de conhecimentos entre o agente produtor do texto e seu leitor. Faz-se

necessário que ambos possam compartilhar as referências históricas embutidas no texto. No excerto em questão, percebe-se certo tom de ironia do jornalista francês em relação aos componentes da cultura inglesa, provavelmente em razão dos distanciamentos históricos da constituição ideológica francesa em relação a questões envolvendo a realeza e suas ligações com um regime político anacrônico. Aliás, basta citar o destino concedido aos últimos reis franceses para entender as reflexões do jornalista.

Seguindo os postulados de Nord (1991), o emissor, no caso desta pesquisa o jornalista da TF1, parece tecer seu texto com base em pressuposições, sobretudo quando registra suas escolhas linguística para construir e ancorar referenciais que inclui no texto de sua reportagem. Suas escolhas lexicais, por exemplo, indicam que o jornalista parece buscar compartilhar conhecimentos que seriam similares àqueles que também são, supostamente, do domínio de seu telespectador. Dessa forma, percebe-se que o conteúdo explícito ou implícito em um texto jornalístico pode dizer muito a respeito daquilo que a imprensa projeta e define para si mesma, em relação às configurações de seu público-alvo. Naturalmente, não é possível relacionar o perfil do público projetado pela mídia com o público que efetivamente constitui a população. De fato, trata-se de duas realidades, ambas, em certo sentido, ficcionais.

Retomando a história da prática social do chapéu, um período histórico importante para a civilização ocidental foi a Revolução Francesa de 1789. Até tal período a França vivia um regime monárquico, no qual a nobreza e o clero tinham o controle sobre maior parte dos setores da sociedade e ostentavam riqueza e luxo. Um dos principais motivos da deflagração da revolução francesa parece ter sido a insatisfação do povo diante de tal ostentação, em oposição à extrema dificuldade enfrentada pelos novos comerciantes para pagar tributos cobrados pela Coroa. Nesse período, os chapéus, até então bastante extravagantes, passaram a ser adereços mais simples e sem muitos diferenciais. Instalava-se progressivamente o *prêt-à-porter*, sobretudo em razão do início da industrialização que anunciaria uma nova era.

As pompas do regime monárquico na Inglaterra remontam ao século XVIII e conservam-se até hoje em termos alegóricos, com aceitação e reverência considerável entre os britânicos. O regime monárquico inglês esteve em muitas ocasiões ameaçado, mas nunca perdeu totalmente seu espaço, como aconteceu em países como a França e o Brasil. O período da revolução industrial trouxe para o mundo uma possibilidade de produção em grandes escalas. Em razão desse processo, a indústria de chapéus passou a ter mais ofertas, menor variedade e

preços mais acessíveis para a maioria da população inglesa. Inicia-se, doravante, produção de adereços para cabeça com tamanhos, cores, e tecidos, destinados a lojistas.

A partir dessas reflexões pode-se entender que o emissor, no caso dessa pesquisa, o jornalista francês e o receptor, o público que assiste a TF1, compartilham minimamente tais conhecimentos. A alusão feita à excentricidade e à extravagância dos convidados diretos e populares que indiretamente participavam da cerimônia está associada a uma prática social centenária, marcadamente diferente dos hábitos franceses em suas relações históricas com seus reis e rainhas, sobretudo em relação a Luís XVI e a Maria Antonieta.

Nesse excerto, categoriza-se o uso da alusão como *histórica*, todavia, não é somente uma alusão a fatos históricos, mas a franca tentativa de instaurar um tom de ironia. Seria sensato aceitar que nações que tiveram um passado de rivalidade, com formas de pensar sobre a política diferente, demonstrem essa divergência política e social também em suas práticas jornalísticas. Críticas veladas podem soar como elegantes estratégias para, ironicamente, expor o Outro, levando os espectadores a corroborar com a visão que lhe é apresentada. Sobretudo, o espectador francês parece ser adepto da crítica que lhe convém, política e ideologicamente.

#### 4.3 EXEMPLOS E ANÁLISE – ALUSÃO COMPARTILHADA NAS DUAS CULTURAS

O exemplo a seguir evidencia uma alusão aparentemente compartilhada pelas duas culturas. Trata-se da “conhecida” fama da pontualidade britânica.

E.g.1

1) *Au moment même où Elizabeth traverse l'abbaye, Kate sort de l'hôtel Gorine.*

“No mesmo momento em que Elizabeth atravessa a abadia, Kate sai do Hotel Gorine.” (Tradução nossa).

Quadro 7: Exemplo 1 – alusão compartilhada

Emissor	Télévision Française 1/ Journal de 20 heures
Receptor	Telespectadores do Journal de 20 heures
Pressuposição	A pontualidade, organização e sincronia de um evento britânico.
Conteúdo	A chegada da rainha Elizabeth II na abadia de Westminster no mesmo momento em que a noiva deixa o hotel.

Modelo Integrado	Pluriestratificado	Esfera Social – Moldura histórico-cultural
------------------	--------------------	--

Tipo de alusão	Histórica
----------------	-----------

2) *A turma da primeira fila passou quatro noites na rua e dormiu até o último segundo porque todos confiavam no despertador (som dos sinos). Big Ben*

Quadro 8: Exemplo 2 – alusão compartilhada

Emissor	Rede Globo de Televisão/ Jornal Nacional.
Receptor	Telespectadores do Jornal Nacional.
Pressuposição	Antecedência dos populares para ver a chegada da noiva; a confiança.
Conteúdo	Populares que chegaram ao local com 96 horas de antecedência para assistir a chegada da noiva e

		convidados; e a pontualidade do Big Ben.
Modelo Integrado	Pluriestratificado	Esfera Social – Moldura histórico-cultural
Tipo de alusão		Histórica

Segundo Leppihalme (1997), as alusões podem ter abrangências muito diferentes. Podem abranger perímetros regionais, estaduais (províncias, cantões), nacional ou mesmo internacional. Nesses dois exemplos encontra-se uma alusão que parece, em termos de imaginários, compartilhada entre Brasil e França, ou seja, a alusão à pontualidade Britânica. Dentro da categorização das alusões propostas por Niknasab, (2011) a categoria *histórica* mostra-se a mais apropriada para ser aplicada no exame do referido excerto.

A expressão *pontualidade britânica*, internacionalmente difundida, pode advir, antes de tudo, de um momento de hegemonia política que levou Londres a figurar como referência geográfica para as outras regiões do planeta. O chamado “meridiano” de Greenwich foi desenhado, por convenção, exatamente sobre a Inglaterra, passando especificamente sobre Londres. O horário londrino tornou-se, arbitrariamente, referência para a definição dos horários dos demais países.

Um dos cartões-postais de Londres é a torre (que em 12 de setembro de 2012 passou a ser denominada Elizabeth Tower), onde se situa o Big Ben. Teoricamente, a partir do horário mostrado no relógio da torre, define-se a referência para os demais horários em volta do globo.

Nos dois excertos supracitados, notam-se referências à questão da pontualidade britânica. No primeiro excerto, referente à reportagem exibida pelo canal francês, faz-se menção à sincronia perfeita dos movimentos protocolares do casamento real. A cerimônia do casamento começou precisamente às 11h00 do horário local. Para que um evento dessa magnitude aconteça sem nenhum imprevisto, é necessária uma prévia organização de horários sincronizados entre todos os participantes da cerimônia. Os convidados chegam à Abadia de Westminster entre 8h15 e 9h45 da manhã, no horário local. Às 9h50 começa a entrada dos Chefes de Estado, iniciando pelo primeiro-ministro David Cameron. O príncipe William aguarda por sua noiva a

partir das 10h15. Na sequência, 10h42, o príncipe Charles e a sua esposa Camilla Parker Bowles chegam à Abadia. Às 10h45 é o momento da entrada da rainha Elizabeth II. Precisamente 6 minutos após a chegada da rainha, a noiva, Catherine Middleton sai do hotel Gorine.

A sincronia e a pontualidade britânica são práticas sociais muito defendidas e, por extensão, reconhecidas internacionalmente. Os protocolos britânicos são referenciados em várias ocasiões, inclusive informais. Sendo assim, quando o jornalista/tradutor opta por mencionar a pontualidade que marca a cerimônia, enfatizando a sincronia e pontualidade observadas, esse recurso alusivo denota conhecimento compartilhado com acentuado grau de certeza, e, ao mesmo tempo, explicita o formalismo britânico que difere, em certo sentido, dos protocolos franceses.

No segundo excerto referente à reportagem veiculada no canal de televisão brasileiro, fez-se alusão à pontualidade britânica citando um dos cartões-postais de Londres, o Big Ben. O Big Ben, o sino que fica na Torre Elizabeth II e que soa a cada hora. A reportagem brasileira enfatiza a confiança do povo na precisão anunciada pelo sino do relógio como reflexo de uma estrutura social que tem na pontualidade uma de suas principais características.

O público receptor da reportagem veiculada no Brasil está a milhas de distância da capital inglesa, vivenciando um contexto cultural diferente daquele apresentado sobre a Inglaterra. Mesmo com a distância geográfica e cultural o telespectador do Jornal Nacional compartilha e parece ser capaz de atribuir significação à alusão feita à pontualidade britânica. Algumas marcas culturais são tão marcantes que parecem ultrapassar fronteiras e legitimar valores culturais que às vezes podem ser vistos de forma positiva ou negativa, não nos cabe aqui, todavia, estabelecer juízos de valor. No caso da pontualidade britânica, esse traço pode ser tomado de forma positiva, pensando-se na cultura e nos hábitos dos ocidentais. O público brasileiro, mesmo sendo capaz de atribuir sentido ao referente que alude à pontualidade encontrará uma referência a algo em geral ainda antônimo à nossa própria cultura, tendo em vista que a pontualidade provavelmente ainda não constitui uma marca geral que caracterize nossos hábitos, tampouco uma prática defendida em nosso país.

De acordo com Nord (1991), quando observamos a cultura do Outro, voltamos os nossos olhares para nós mesmos. Nesse sentido quando, o telespectador brasileiro reflete sobre a pontualidade britânica, possivelmente ele traça um paralelo com a forma diferente, e às vezes

pouco descompromissada, com que o povo brasileiro lida com a pontualidade.

Apesar de termos encontrado um ponto de interseção, uma alusão compartilhada, nas duas reportagens, elas foram produzidas para receptores diferentes. Percebe-se que a hierarquia das informações e suas construções de significado foram elaboradas de forma distintas, talvez com o objetivo de estabelecer uma comunicação entre o fato acontecido e o seu telespectador:

Há sempre uma necessidade de estabelecer uma hierarquia de valores que os tradutores gostariam de preservar, levando em consideração a relevância dos itens para os leitores e isso, depende do contexto, da situação, da cultura. (LEPPIHALME, 1997, p. 20).

O alicerce que estabelece relações entre a reportagem e o telespectador, ou leitor e texto, parece ser o contexto. Dessa forma, pode-se considerar que é bastante improvável que se construa um fazer jornalístico similar ou aproximado nos dois países analisados, a saber: Brasil e França. O fato de se ter apenas uma alusão culturalmente compartilhada pelas reportagens brasileira e francesa explicita que as leituras desses dois contextos culturais se diferenciam, entre si, quanto à percepção do mesmo fato. O telejornal, similarmente ao jornal impresso, pode ser entendido como um dos principais veiculadores de valores identitários de uma sociedade. Isso justifica o uso de alusões específicas que funcionam muito bem dentro de determinados contextos culturais, visto que os telespectadores de cada país respondem de forma diferente.

A partir da discussão sobre os referenciais teóricos, aplicados às análises decorrentes aqui apresentadas. Na sequência, tecem-se as considerações parciais e finais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, nesta pesquisa, investigar a forma como o texto telejornalístico é apresentado em países diferentes, e de que forma seus telespectadores recebem essas informações. Sendo assim, apresenta-se uma possibilidade para que nos conscientizemos, enquanto pesquisadores e profissionais da área do jornalismo, das amplas implicações do diálogo que operam entre os fatos, sua interpretação, sua divulgação, o texto e o público telespectador. Para evidenciar as marcas culturais presentes nas duas reportagens, recorreu-se, além de apontamentos teóricos da área da tradução e do jornalismo, ao recurso da alusão, como uma das marcas da intertextualidade e da polifonia que marcam os discursos de forma geral.

A interface tradução-jornalismo, dentro da subárea do telejornalismo, constitui um dos agentes norteadores para a realização da presente pesquisa. No âmbito das relações tradução-jornalismo, encontramos as contribuições de Almeida (2005), Polchlopek (2005; 2010), Aio (2011) e Zipser (2002). A proposta da presente investigação voltou suas atenções para um subgênero do jornalismo, ou seja, o telejornalismo, examinado por meio das oposições entre matérias divulgadas na França e no Brasil quase simultaneamente. Tal modalidade apresenta características ontológicas na sua constituição que a diferencia das demais propostas textuais dentro do jornalismo e da tradução. Por exemplo, a tentativa de aproximação do fato noticioso – o casamento real na corte inglesa – do público telespectador do telejornal brasileiro e a crítica velada à (não) utilização do chapéu na cerimônia real para o público francês.

É no interior da cultura, com as atenções voltadas para o seu público-alvo que os jornalistas e tradutores selecionam estratégias de cunho linguístico: escolhas lexicais, recursos sintáticos e semânticos, bem como usos pragmáticos e discursivos, para o desenvolvimento do seu trabalho. Assim como na tradução não se pode mais aceitar a idéia de equivalência entre palavras e a decodificação de signos descontextualizados da cultura de chegada, no telejornalismo também não é mais aceitável a idéia de “traduzir” fatos sem a devida consideração do conhecimento sociocultural do público de chegada.

A teoria funcionalista de análise textual, preconizada por Vermeer (1986), Halliday (1985) entre outros tornou-se expoente a partir dos anos 1980, ganhando mais abrangência nos anos 1990. Escolheu-se como suporte teórico para a presente pesquisa a teoria funcionalista proposta por Nord (1991), uma vez que suas premissas

também respondem às necessidades que emanam da interface entre tradução e telejornalismo.

A teoria funcionalista de análise de texto parte do princípio que a tradução nada mais é que ato de comunicação, sua meta consiste em levar a mensagem de um ponto a outro. Nesse processo, entende-se que existe um emissor e um público receptor que muitas vezes não compartilham dos mesmos conhecimentos: cultura, língua, linguagem, crenças, etc.

À luz das premissas de Nord (1991), a tradução é compreendida como ação, posto ter como princípio a interação comunicativa na perspectiva sociocultural, na qual o tradutor deve ser não somente bilíngue, mas também bicultural. De fato, uma espécie de intermediador de diálogos entre línguas e culturas. Sendo assim, essa perspectiva diferenciada na área de tradução favorece as investigações tornando as análises de textos interculturais na área de telejornalismo mais flexíveis e abertas.

Todo ato comunicativo/tradutório deve ter uma razão para existir. Identificar qual o propósito de determinada comunicação, a qual espécie de público ela se dirige, implica exame detalhado do processo. Todo ato de tradução deveria ser capaz de explicitar as razões de sua realização para que, dessa forma, se consiga evitar embates entre o binômio internamente indissociável: língua e cultura.

Quando se comparam notícias veiculadas em países diferentes, não se está mais pondo em discussão somente fatos, mas sim componentes culturais intrínsecos e subjacentes a serem considerados. De acordo com Esser (1998), o jornalista, quando entra em contato com outra cultura, passa a assumir postura diferenciada, ativa uma espécie de filtro, algo como uma antecâmara que o transporta de um universo a outro e cujas realidades são quase sempre distintas entre si. Quando a reportagem chega até o seu receptor, percebe-se que as demandas das configurações culturais refletem as expectativas do seu público-alvo. O reconhecimento do público receptor é de fundamental importância à determinação dos recursos utilizados para concretizar a comunicação.

O exercício do telejornalismo bem como o da tradução são atividades voltadas para públicos projetados, considerados os receptores do texto, telespectadores e leitores. Os dois ofícios se desdobram no cerne de um emaranhado de sistemas de valores e situações culturais que definem o produto final. Pode-se dizer que as reportagens são traduções de fatos que se desenvolvem: textos dirigidos aos seus públicos receptores e seus contextos culturais. Esse seria um dos motivos pelo qual as reportagens francesas e brasileiras diferem entre si

e não poderiam ser veiculadas em um país ou outro indiscriminadamente. Através do recurso alusivo torna-se mais apreensível tal asserção. As alusões feitas no texto telejornalístico só encontraram significação para determinado público, projetado.

Nas reportagens examinadas a respeito do casamento real, encontramos vários casos de alusão. De fato, trata-se de referências externas, selecionadas para serem compartilhadas com leitores capazes de interpretá-las e, eventualmente, de relacioná-las com os conteúdos da matéria, tornando-as mais claras, assimiláveis, lúdicas ou agradáveis. De acordo com as análises aqui propostas, torna-se mais evidente o fato de que as reportagens talvez tenham sido elaboradas para telespectadores que compartilhem conhecimentos culturais, éticos, históricos, socioeconômicos, políticos, crenças, entre si e com as bases da emissora, em razão dos emparelhamentos e familiaridades estilísticas adquiridos ao longo dos anos.

Mais importante que a decodificação de palavras em uma reportagem é o viés cultural embutido nas alusões apresentadas. A diversidade de enfoques destinados às duas reportagens possivelmente encontram ressonância na cultura, uma vez que é através da cultura que se constroem reportagens e se lhes atribui sentidos.

O sentido de uma telerreportagem pode ser majoritariamente atribuído, em uma reflexão mais profunda, à situação cultural que permeia a produção de cada trabalho jornalístico, para além da decodificação de signos. Desta maneira, o contexto cultural é fator de máxima importância para uma comunicação funcional. Conclui-se, assim, que um mesmo fato foi representado com certas diferenciações nas reportagens apresentadas.

Dentro da interface tradução/jornalismo/alusão, as análises evidenciam a presença de alusões significativas, que remetem à cultura, à história, aos efeitos de humor, aos sistemas de crenças, entre outros aspectos próprios aos contextos socioculturais brasileiro e francês. A partir das alusões encontradas pode-se afirmar que, tal como na tradução realizada em torno de uma proposta funcionalista, no telejornalismo as reportagens também podem ser tecidas para um público telespectador sob as mesmas orientações. Sendo assim, as alusões encontradas nas duas reportagens telejornalísticas só encontram sentido na cultura de chegada, pois é lá o lugar em que se encontram seus telespectadores.

No contexto brasileiro, essas alusões indicam: (i) o futebol como referente alusivo para comparar a efusão de sentimento do público que prestigiou o evento; (ii) a alegria dos brasileiros que presenciaram o evento em paralelo à organização britânica (iii) a relação estabelecida

entre os antônimos: a suposta elegância de uma cerimônia matrimonial e o descompromisso da população brasileira com os protocolos formais.

Sendo assim, o olhar brasileiro pode se constituir a partir de alguns elementos-chave, quais sejam: (i) a posição geográfica, a língua portuguesa, ou seja, a variante brasileira em um continente majoritariamente hispanófono; (ii) história, aspectos religiosos, crenças, situação econômica e cultura é o que nos diferencia dos demais povos americanos e, dessa modo, influencia de maneira direta a construção da telecomunicação brasileira.

Já no contexto francês, as alusões indicam: (i) o descumprimento do protocolo da utilização do chapéu; (ii) a crítica velada à cultura inglesa. Essas duas alusões remetem, por um lado, ao contexto histórico e referencial dos protocolos que envolvem o uso de vestimentas e à adoção de regras de comportamento inerentes à realeza britânica; por outro lado, percebe-se também certo menosprezo em relação aos vários rituais realizados em torno de um casamento real.

Nas alusões encontradas nos textos, percebem-se sutilezas na linguagem que expressam dualidades culturais. Nesse sentido, nota-se que o olhar francês para o jornalismo internacional denota resquícios de uma rivalidade histórica instalada entre a França e a Inglaterra.

Alguns desdobramentos possíveis a partir desta pesquisa seriam: estudo de caso para traduzir e legendar a reportagem veiculada no Brasil para a língua francesa e a reportagem francesa para o português brasileiro. De acordo com as alusões encontradas nas duas reportagens, pode-se pressupor que esse câmbio não faria sentido nas respectivas culturas de chegada. As alusões aqui investigadas possivelmente não gerariam o mesmo eco na cultura francesa e vice-versa.

Neste ponto da pesquisa, pode-se dizer que a utilização do recurso alusivo dentro da tradução resulta numa relação possível e esperada, produzindo resultados que vêm ao encontro das expectativas dos públicos telespectadores brasileiro e francês. Assim, as alusões são entendidas aqui como um importante recurso para aproximar o telespectador dos textos jornalísticos e das bases da emissora bem como para obter a sua participação como consumidor em função da publicidade implícita no fato. Da mesma maneira que o recurso alusivo dentro do texto jornalístico é de apreciação importante, uma vez que todo texto jornalístico e telejornalístico implica ação tradutória, ou seja, interpretação e representação cultural de um mesmo fato, em contextos internacionais esse procedimento – uso da alusão – torna-se mais evidente como sendo um dos principais recursos para identificar o fato e o telespectador.

O recurso à alusão, na elaboração do texto telejornalístico, forma um casamento interessante para estudos mais aprofundados. Enquanto categoria hiponímica da noção de intertextualidade, a alusão remete aos estudos de metáforas, anáforas e catáforas. Remete igualmente à polifonia inerente a todo e qualquer discurso, desembocando no universo das ideologias cristalizadas no verbo.



## REFERÊNCIAS

AIO, Michelle de Abreu. **Caso AF447: o jornalista como tradutor de fatos nas culturas brasileira e portuguesa.** 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ALCURE, Lenira. Editoria Internacional: O mundo e nós na TV In: **No próximo bloco... o jornalismo brasileiro na TV e na internet.** (Org.) Ernesto Rodrigues. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2005.

ALMEIDA, Hutan do Céu. **Brasil e Canadá: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas Veja e Maclean's.** 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ALFREDO, Vizeu; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **40 Anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos.** Florianópolis: Insular, 2009.

BARTHES, Roland. **A morte do autor. O Rumor da Língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Leçon inaugurale faite de la Chaire de sémiologie littéraire du Collège de France,** prononcée le vendredi 7 janvier 1977. Paris: Seuil, 1978.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo.** Adamantina: FAI/Cátedra Unesco Metodista de comunicação para o desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.

BERMAN, Antoine, A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Ed. 7 letras. São Paulo, 2007.

BIRD, Elizabeth S.; DARDENNE, Robert W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Veja, 1993. p. 263-277.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Língua e ideologia. In: BAGNO, M. **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BONNER, W. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BURKE, Peter. Introdução e culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: Burke, P.; PO-CHIA HSIA, R. (Org.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

DORE, Margherita. **Manipulation of Humorous Culture-Specific Allusion** in AVT. In CTIS Occasional Papers. Vol 6. University of Lancaster, UK, 2010.

ECO, Umberto. TV: a transparência perdida. In: ECO, Umberto (Org.). **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FRENKEL, Eleonora; POLCHLOPEK, Silvana Ayub; ZIPSER, Meta Elisabeth. **Introdução aos estudos da tradução II**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009.

HALLIDAY, M. **Na Introduction to Functional Grammar**. London: E Arnold. 1985.

HOUSE, Juliane. **Translation Quality Assessment: a model revisited**. Tübingen: Gunter Naar Verlag.,1997.

JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

KRISTEVA, J. **Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art**. Leon S. Roudiez (ed.), T. Gora *et al* (trans.). New York: Columbia University Press. 1980.

LEPPIHALME, Ritva. **Caught in the frame: target culture viewpoint on allusive wordplay** in *The Translator* Vol 2. Nº 2(p.199-218) University of Helsinki, Finland. 1996.

**LE ROBERT Dictionnaires**. Paris: Maury- Eurolivres, 2006.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MESCHONNIC, Henry. **Pour sortir du postmoderne**. Paris: Klincksiek, 2009.

MIRANDA, Dilmar. **Carnavalização e multidentidade cultural: antropofagia e tropicalismo**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 9(2): 125-154, 1997.

NIDA, E., C.R. Taber. **Towards a Science of translation**. Leiden: J. Brill, 1969.

NIKNASAB, Leila **Translation and Culture: Allusions as Culture Bumps**. Toronto, 2011.

NORD, Christiane. **Text, analysis in translations: theory, methodology and didactic application of a model for translation oriented text analysis**. Trad. Christiane Nord e Penelope Sparrow. Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **El funcionalismo en la enseñanza de traducción. Mutatis Mutandis**, Medellín, Colômbia, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009. ISSN:2011799X

OLIVEIRA, Avani Campos. **Cenas benéficas e movimentos semânticos no contexto da linguagem jornalística**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1999.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POLCHLOPECK, Silvana. **A interface tradução-jornalismo: um estudo dos condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time**, 2005. Dissertação de mestrado em estudos da tradução. UFSC, Florianópolis, 2005.

POLCHLOPECK, **O mundo pós 11 de setembro em títulos: Tecendo fios/textos entre a tradução e a narratividade jornalística**, 2011. Tese de Doutorado em estudos da tradução. UFSC, Florianópolis, 2011.

PONTUAL, Jorge. **O Correspondente Internacional In: No próximo bloco... o jornalismo brasileiro na TV e na internet**. (Org.) Ernesto Rodrigues. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.

RODRIGUES, Ernesto. **No próximo bloco... o jornalismo brasileiro na TV e na internet**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2005.

SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. **Sobre os diferentes métodos de traduzir**. Trad. Celso Braida. Princípios, Natal, v. 14, n. 21, jan/jun, 2007.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: Jornalismo: história, teoria e metodologia**. Porto: UFP, 2008.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo Conhecimento e objetividade além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. v. 1. Florianópolis: Insular/Posjor-UFSC, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005b.

VAN DIJK, TEUN. **Notícias e conhecimento. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2. UFSC/Insular, p.13-29, 2005.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. Trad. Carolina Alfaro. Palavra, Rio de Janeiro, n. 3, 1995.

VERMEER, Hans. **Esboço de uma teoria da tradução**. Portugal/Rio Tinto: Oficinas gráficas, 1986.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural**. 2002. Tese (Doutorado em XXX) – USP, São Paulo, 2002.



## **ANEXOS**



## Anexo A - Texto Casamento real – Rede Globo

William Bonner: A chegada da família real a abadia Westminster foi acompanhada por milhares de pessoas e os enviados especiais Pedro Bassan e Wanderlei Servonquini estavam lá.

Off Repórter (Pedro Bassan): A turma da primeira fila passou quatro noites na rua e dormiu até o último segundo por que todos confiavam no despertador (som dos sinos). E quem viu o casamento no Brasil pode contar para quem estava na porta da igreja por que eles não viram nada, ali não havia telão, em compensação nunca vão esquecer do que ouviram a música dos sinos de Westminster e no serviço de alto-falante o sim da noiva que ecoou pelos cartões postais de Londres como um grito de gol, Hyde Park e Palms Square, um país inteiro torcendo pelos noivos um certo clima de copa do mundo com vitória garantida uma imensa festa em vermelho branco e azul.

Passagem (Pedro Bassan): Mas se o assunto é torcer os britânicos precisam pedir ajuda de quem é especialista (gritos do povo). Eles conseguiram lugar na primeira fila sofreram para ver a rainha dos outros com a nossa infinita alegria.

Sonoras:

Angela Yojo: estamos unidos aqui sentadinhos passando frio, calor, fome, não sei o que no chão.

Sem nome: a gente tá aqui na frente para pegar boas fotos.

Wagner: uma vez é o suficiente, só para experiência.

Off repórter: mas depois de ver a carruagem passar bem de pertinho todos acharam que valeu a pena. Este é o Wagner que nunca mais voltaria. Mudou de ideia.

Sonora Wagner: Viria de novo com certeza, corrigindo o que eu falei antes.

Off repórter (Pedro Bassan): o Brasil aprovou o vestido da noiva e mais ainda a farda do noivo

Sonora sem nome: O príncipe estava um gato.

Off repórter (Pedro Bassan): depois do cortejo a animação brasileira se juntou a organização dos britânicos um rio formado por um milhão de pessoas seguiu a caminhando ao palácio de Buckingham para ver o beijo sem pressa sem tumulto e essa foi apenas uma pequena amostra da festa que espalhou para todo o reino. Cada lugar os súditos inventaram maneiras diferentes de festejar. Na cidade em que a noiva nasceu agora todos querem ser príncipes e nem fazem questão da carruagem. La a ocasião é celebrada com uma formidável prova de velocidade. Seja

nobre ou plebeu um casamento é sempre uma bela desculpa para todo mundo ser feliz.

Fatima Bernades: Vamos voltar ao vivo a Londres. Losekan ninguém fala nada sobre a noite de núpcias, nada foi divulgado sobre essa noite?

Marcos Losekan: Nem sobre a noite de núpcias nem sobre a lua de mel, esse parece ser mais um daqueles segredos, Fatima, guardados a sete chaves, segredo de estado. Os noivos, é claro, estão tentando despistar a imprensa, tentando ganhar mais tempo de privacidade, mas que isso vai vazar ahhh vai. Eles tiveram um dia cheio depois do casamento almoço no castelo de Buckingham, um almoço oferecido pela rainha, depois ela foi para o castelo de verão no interior da Inglaterra e liberou geral. Agora a noite teve o jantar patrocinado pelo príncipe Charles pai do noivo e aí começou a festa jovem organizada pelo irmão do noivo príncipe Harry, uma festa que deve varar a madrugada pq ele já pediu o café da manhã deste sábado disse que é para quem conseguir sobreviver a esta festa, mas os plebeus não vão ficar na mão não, sabe aqueles pubs os bares que vendem cerveja devem fechar normalmente as onze da noite, pois é, está noite eles estão liberados e podem varar a madrugada. Fatima e Bonner

Willian Bonner: Obrigada Losekan. Boa noite para você e parabéns pela cobertura.

## Anexo B - Texto Le Mariage Royal – TF1

La cérémonie a été attendue par tous les britanniques et aussi au monde entier. Le mariage entre William, le fils du Prince Charles et de la princesse Diana, et Catherine Middleton. La célébration parfaitement réglée a duré plus d'une heure dans l'abbaye Westminster en présence de 1.900 invités. Le temps un peu maussade n'a pas terni l'enthousiasme de la population qui s'était massée très nombreuse sur le parcours des jeunes mariés. Le meilleur moment de l'événement avec Frédéric Agnès.

La majestueuse abbaye Westminster les crains choisi par le prince William et Catherine Middleton pour célébrer leur union. Et pendant que la foule parfois excentrique se masse à l'extérieur les invités s'installent : défilé coloré, chapeau de rigueur pour les dames bien sûr, avec cette touche d'extravagance toute britannique. 1900 personnes, les têtes couronnées du monde entier : parmi elles Albert de Monaco et sa future épouse comme en repérage à trois mois de leur mariage. La popularité se mesure à l'ardeur des applaudissements. En tête, le footballeur Beckran et madame Le premier ministre David Cameron et son épouse qui ose le nu-tête ou encore Elton John et monsieur. Mais la vraie ferveur est ailleurs dans la rue de Londres. La foule salue le Prince William pour l'emmener jusqu'à l'hôtel il a choisi son frère Herry. Moment de complicité entre les deux hommes ! William qui à son arrivé prend le temps de quelques mots avec la famille de sa défunte mère, Lady Diana. Selon l'ordre protocolaire arrivent ensuite la mère de la marié et son fils, le prince Charles et Camille, puis les trompettes retentissent : annonce de l'arrivée de la reine. Au moment même où Elizabeth II traverse l'abbaye, Kate sort de l'hôtel Gorine, premiers images de la mariée et surtout de sa robe tant attendue sur le passage de la Rolls Royce Phantom qui l'amène avec son père à Westminster. La foule est plus que fervente.

Phillipa la sensuelle est très remarquée sœur de Kate, entourée des demoiselles et des garçons d'honneurs la devance de quelques minutes. À midi précise celle qui est depuis hier duchesse de Cambridge arrive enfin, rayonnante, robe dessinée par la Maison Alexandre Mcquin, diadème royal offert à Elizabeth II pour ses 18 ans traîne de près de 3 mètres de long. La cérémonie commence au doux son d'un hymne nuptial. Le facétieux Henry qui découvre Kate en premier joue avec les nerfs de son frère encore quelques secondes et le prince pourra admirer sa promise. Sur ses lèvres on peut lire ses mots « you're beautiful », « tu ES magnifique ». Vient le moment crucial l'échange des consentements.

William d'abord. [Juramento anglais] et Catherine ensuite [Juramento anglais]. Une seule bague, William ne souhaitant pas en porter.

Ils sont enfin mariés. À la sortie c'est bien la princesse William de Gales que la foule sous le charme acclame. Les époux s'installent dans le Landeau d'Etat Une procession sous le soleil, s'il vous plaît, pour aller jusqu'au Buckingham palace. Petite pause d'une heure environ. Les centaines de milliers de spectateurs s'avancent menées par les *bobbies*, enfin le couple refait son l'apparition au balcon, une première vue visiblement impressionnante pour la toute nouvelle princesse. Le fameux baiser est échangé un peu trop vite au le goût de la foule alors tout à son bonheur le couple princier en offre un deuxième. Fin du programme officiel. Mais c'était sans compter avec la jeunesse et la fougue de William et Kate. Bien décidés à ne pas bouder leur plaisir ils s'offrent une sortie surprise en Aston Martin, un joli pied de nez au protocole !

## Anexo C- Texto legenda vídeo francês

1

00:00:00,166 --&gt; 00:00:01,537

A cerimônia mais esperada pelos britânicos e pelo mundo todo.

2

00:00:01,537 --&gt; 00:00:03,364

O casamento do Príncipe Willian e da plebéia Catherine Middleton.

3

00:00:03,364 --&gt; 00:00:09,196

A celebração durou exatamente uma hora na Abadia de Westminster para 1900 convidados.

4

00:00:09,196 --&gt; 00:00:13,084

O tempo nublado não impediu o entusiasmo da população.

5

00:00:13,369 --&gt; 00:00:16,322

Que se juntou em grande número para ver os jovens nubentes.

6

00:00:16,158 --&gt; 00:00:18,856

Veja os melhores momentos do evento com Frédéric Agnés.

7

00:00:21,338 --&gt; 00:00:28,057

A majestosa Abadia de Westminster foi escolhida pelo príncipe Willian e Catherine Middleton para celebrar sua união.

104

8

00:00:28,898 --> 00:00:31,210

Do lado de fora uma multidão e alguns personagens excêntricos.

9

00:00:33,165 --> 00:00:41,272

Dentro da abadia os convidados se acomodam, um desfile de luxuosos chapéus.

10

00:00:41,542 --> 00:00:49,009

1900 convidados de todas as partes do mundo, dentre eles o príncipe de Monaco e sua futura esposa.

11

00:00:49,350 --> 00:01:00,760

Famosos também estavam presentes: o jogador de futebol David beckhan e sua esposa.

12

00:01:00,760 --> 00:01:07,014

O primeiro ministro e sua esposa que não usava chapéu e o cantor Elton John e seu marido.

13

00:01:07,309 --> 00:01:12,414

A verdadeira euforia estava nas ruas de Londres saudando o príncipe noivo e seu irmão Harry.

14

00:01:17,528 --> 00:01:21,250

Um momento de cumplicidade entre dois irmãos.

15

00:01:24,790 --&gt; 00:01:30,409

Na abadia, William trocou algumas palavras com a sua família de sua falecida mãe Lady Diana.

16

00:01:32,154 --&gt; 00:01:36,821

Seguindo o protocolo chega a mãe da noiva acompanhada de seu filho.

17

00:01:37,817 --&gt; 00:01:39,584

O príncipe Charles e Camille.

18

00:01:41,458 --&gt; 00:01:47,456

Os trompetes anunciam a chegada da rainha.

19

00:01:49,694 --&gt; 00:01:54,951

No mesmo momento que a rainha entra na abadia Kate deixa o hotel.

20

00:01:55,853 --&gt; 00:01:59,984

A primeira imagem da noiva é vista e principalmente o tão esperado vestido.

21

00:02:01,331 --&gt; 00:02:05,698

A população vibra com a passagem do Rolls Royce que leva a noiva e seu pai para Westminster.

22

00:02:20,969 --> 00:02:27,543

Philippa, a bela e famosa irmã de Kate entra minutos antes com as daminhas e pajens.

23

00:02:28,409 --> 00:02:35,353

Pontualmente ao meio dia a Duquesa de Cambrigde chega a igreja soberana e radiante.

24

00:02:37,797 --> 00:02:46,985

O vestido foi confeccionado pelo estilista Alexander Mcquin. Calda de quase 3 metros, e coroa emprestada da rainha Elizabeth II.

25

00:02:49,886 --> 00:02:53,786

O casamento começa com a marcha nupcial.

26

00:02:54,752 --> 00:02:58,884

Harry avista a noiva antes do irmão.

27

00:02:59,793 --> 00:03:03,860

Em alguns instantes, William vê a sua prometida

28

00:03:08,731 --> 00:03:13,119

Em seus lábios pode-se ler diz "você está magnífica".

29

00:03:15,765 --&gt; 00:03:19,045

O momento crucial da cerimônia:  
o Juramento. Primeiro William.

30

00:03:27,715 --&gt; 00:03:29,559

Em seguida Catherine.

31

00:03:37,450 --&gt; 00:03:40,561

Apenas uma aliança para Kate. William não usará.

32

00:03:48,904 --&gt; 00:03:51,069

Enfim casados!

33

00:04:12,518 --&gt; 00:04:17,480

A princesa William de Gales é aclamada.

34

00:04:18,352 --&gt; 00:04:24,358

O casal segue em carruagem rumo ao Palácio de  
Buckingham saudados por milhares de pessoas.

35

00:04:26,951 --&gt; 00:04:33,582

Uma pequena pausa de quase uma hora. Os milhares de  
espectadores seguem acompanhados da guarda.

36

00:04:34,722 --&gt; 00:04:41,553

Enfim, os noivos aparecem na sacada. A nova  
princesa fica visivelmente impressionada com a multidão.

108

37

00:04:43,405 --> 00:04:47,617

Os noivos se beijam muito rapidamente.

38

00:04:47,893 --> 00:04:53,685

Para a felicidade da multidão,  
o casal real dá um segundo beijo.

39

00:04:58,427 --> 00:05:00,660

Fim do programa oficial.

40

00:05:01,020 --> 00:05:13,805

Mas o que ninguém esperava foi a saída do casal  
real dirigindo um carro conversível, mais uma quebra de  
protocolo.